



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em Artes

Renata Araujo Moreira dos Santos

**A construção da voz autora do professor-narrador: uma
experiência de formação de professores no cotidiano escolar**

SÃO PAULO

2018

Renata Araujo Moreira dos Santos

**A construção da voz autora do professor-narrador: uma
experiência de formação de professores no cotidiano escolar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, como exigência para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Arte e Educação. Orientadora: Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov

SÃO PAULO

2018

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

S237e	Santos, Renata Araujo Moreira dos, 1978-. A construção da voz autora do professor-narrador: uma experiência de formação de professores no cotidiano escolar / Renata Araujo Moreira dos Santos. - São Paulo, 2018.
	117 f.
	Orientadora: Prof ^a . Dr ^a . Luiza Helena da Silva Christov. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.
	1. Arte e educação. 2. Professores - Formação. 3. Análise de interação em educação. 4. Prática de ensino. I. Christov, Luiza Helena da Silva. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.
	CDD 707

(Mariana Borges Gasparino - CRB 8/7762)

RENATA ARAUJO MOREIRA DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA VOZ AUTORA DO PROFESSOR-NARRADOR:

Uma experiência de formação de professores no cotidiano escolar

Dissertação de mestrado aprovada como requisição parcial para obtenção de grau de Mestre em Artes no curso de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – Unesp, com Área de concentração em Arte e Educação, pela seguinte banca examinadora:

Profª. Drª Luiza Helena da Silva Christov

Instituto de Artes da Universidade Paulista/ SP – Orientadora

Profª. Drª. Rita de Cássia Demarchi

IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo/Cubatão

Profª. Drª. Vera de Faria Caruso Ronca

Instituto de Artes da Universidade Paulista/SP

Suplentes

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Instituto de Artes da Universidade Paulista/SP

Profª. Drª. Cecília Hanna Mate

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/SP

São Paulo, 12 de maio de 2018.

Com amor e gratidão, à minha mãe e com amor e saudade à minha avó, em memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por toda a caminhada.

À Prof^a. Dr^a. Luiza Cristov, com imensa admiração, respeito e gratidão, pela confiança, pela escuta disponível e pelas provocações que abriram portas para novos aprendizados.

À Prof^a. Dr^a. Rita Bredariolli e ao Prof. Dr. Agnus Valente pela leitura crítica e consistente do relatório de qualificação e pelas orientações que foram de grande contribuição para os novos rumos dessa pesquisa.

Aos professores que iluminaram essa caminhada de estudos durante a pesquisa de mestrado ao trazerem novas vozes e vida nas aulas propostas nas disciplinas; Prof.^a Dr^a. Luiza Cristov, Prof^a. Dr^a. Rita Bredariolli e Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho.

À Professora Cleide do Amaral Terzi, que inspira o melhor em mim, com seu compromisso, seriedade e pesquisa na formação de professores, coordenadores e diretores. Também por sua confiança, aposta e presença.

Ao amigo mais que especial, Dr. Petty, por todo o incentivo, escuta e presença ao longo da vida.

À escola Carandá Vivavida, em especial, à direção, por todo apoio, incentivo e aposta nessa minha caminhada de formação.

À escola Vila do Aprender, em especial à equipe de professoras e à direção, pela confiança, pela vida e pela entrega a esse trabalho que construímos juntas.

À fotógrafa, Patricia Mochida, que esteve ao meu lado nessa jornada de formação e tão sensivelmente, capturou as imagens que me ajudaram a compor as marcas dessa trajetória.

À fotógrafa e educadora, Carla Zavatieri, pela partilha dedicada e comprometida que tanto contribuiu para as discussões com o grupo de professoras.

Ao músico e educador, Irajá Menezes, que com sua voz, encantamento e pesquisa, provocou novos ecos em cada uma de nós.

Ao colega André Amaral, pelas trocas vividas durante as aulas.

À nova amiga, Camila Nunes, por sua parceria tão inteira e generosa nessa caminhada junto.

À Renata Gelamo, por sua voz, delicadeza e partilha durante essa escrita.

A todos os alunos, professores, coordenadores e diretores que tanto me ensinaram e ensinam.

Ao provocador grupo de pesquisa Rodalíngua, com os ensinamentos que trazem para a vida.

À minha mãe, pela paciência, pelo amor, pela presença, pelo incentivo, pelo valor à educação e à vida.

RESUMO

A presente pesquisa trata da importância das narrativas e da produção coletiva de professores na formação continuada na escola, como caminhos possíveis para a construção da autoria e das identidades de artista/professor/pesquisador. A formação realizada na escola Vila do Aprender, na região sul da cidade de São Paulo, fez-se por um período de três anos (2015-2017). Com o intuito de investigar os aspectos acima mencionados, propôs conexões com a pesquisa sobre a A/r/tography, desenvolvida pela professora Rita Irwin, além de considerar as teorias desenvolvidas por teóricos como, Paulo Freire, John Dewey, Cecília Almeida Salles, Jorge Larrosa, Jan Masschelein e Jacques Rancière, que contribuíram para compor caminhos que consideram a escola, a experiência, a criação/processos e a pesquisa, como campos que possibilitam a construção da autoria na formação de professores. Com a realização de dois encontros quinzenais de formação com e entre as professoras, vivenciamos propostas que envolveram escuta, partilha de narrativas, uso de diferentes linguagens, realização de estudos teóricos e práticos, contextos de interpretação e representação e a criação e produção coletiva. Esse trabalho foi composto pela experiência vivida com e no grupo, atrelada à perspectiva teórica que orientou a pesquisa. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foram análise das produções, a voz/interpretação das professoras e as ações que evidenciam os deslocamentos. Destaca-se nesse processo o fortalecimento da voz das professoras, as experiências de criação como terreno de autoria e pesquisa e a resignificação da postura aprendiz e formadora nos processos pessoais de formação.

Palavras Chave: Arte e educação, experiência, narrativa, autoria, identidade, formação de professores.

Abstract

The present research deals with the importance of narratives and the collective production of teachers in the continuous formation in the school, as possible ways for the construction of the authorship and the identities of artist / professor / researcher. The training held at Vila do Aprender school, in the southern region of the city of São Paulo, was carried out for a period of three years (2015-2017). In order to investigate the aforementioned aspects, he proposed connections with the research on A / r / tography, developed by Professor Rita Irwin, besides considering the theories developed by theorists like Paulo Freire, John Dewey, Cecília Almeida Salles, Jorge Larrosa, Jan Masschelein and Jacques Rancière, who contributed to compose paths that consider school, experience, creation / processes and research as fields that make it possible to construct authorship in teacher education. With two bi-weekly training sessions with and among teachers, we experienced proposals that involved listening, sharing of narratives, use of different languages, theoretical and practical studies, contexts of interpretation and representation, and collective creation and production. This work was composed by the experience lived with and in the group, linked to the theoretical perspective that guided the research. The procedures used for the data collection were analysis of the productions, the voice / interpretation of the teachers and the actions that showed the displacements. I emphasize in this process the strengthening of the voice of teachers, the experiences of creation as a field of authorship and research, and the re-signification of the apprentice and formative position in the personal processes of formation.

Keywords: Art and education, experience, narrative, authorship, identity, teacher training.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. O encontro com a escola Vila do Aprender.....	19
2.1 Palavras de começo... Algumas reflexões sobre a escola e a formação de professores a partir desse encontro.....	21
2.2 As primeiras percepções sobre o contexto... Compondo meu olhar.....	26
2.3 As professoras... Primeiras percepções.....	27
2.4 Os dois primeiros encontros: Primeiras aproximações.....	30
3. Os primeiros contornos desse percurso: A preparação para o início da caminhada.....	36
3.1 Entre as marcas de nossa história de formação e as potencialidades do grupo: Tecendo as possibilidades.....	41
4. Palavras de chão, o chão da escola: O início da formação das professoras na Vila do Aprender.....	45
4.1 O início da construção das narrativas das professoras.....	48
4.2 Outros encontros, outras palavras, novas ampliações.....	56
4.3 Os primeiros registros do grupo.....	59
4.4 Outras palavras: novas produções.....	65
4.5 A produção coletiva de uma obra: Processos e construções.....	82
5. Palavras de costurar; Re-Composição do percurso, algumas reflexões sobre o processo.....	95
6. A pesquisadora e a (re)constituição de sua(s) identidade (s).....	101
7. Considerações finais.....	103
8. Referências.....	107
9. Anexos.....	109

1. Introdução

Projetar uma escola significa, essencialmente, criar um espaço de vida e de futuro.

(RINALDI, 2012)

A presente pesquisa tem o objetivo de pensar caminhos que contribuam para a reflexão sobre a escola e a formação continuada de professores. Trata-se da investigação sobre a formação em serviço, com a proposta de encontrar na invenção de narrativas e na produção coletiva, possibilidades de (re)construção da autoria do professor.

Ao falar sobre autoria, proponho a aproximação com a ideia de processos de criação e com a identidade pessoal/profissional de professores. Ao compor essas duas imagens, tenho a hipótese de que a invenção de narrativas, conectada às histórias de vida e de formação, proporcionam o re-encontro com a identidade pessoal/profissional, criando contextos de pesquisa, apropriação do ensino e experiências de criação. Marcas que reposicionam o professor em sua postura investigativa e também em sua ação em sala de aula.

A proposta de investigar o papel do coordenador como mediador na constituição da identidade autora/pesquisadora do professor, torna relevante, falar desse trabalho a partir da minha história de formação e a relação entre essa concepção de educação e o relato da experiência vivida na formação continuada de professores que deu origem a essa pesquisa.

Minha história com a escola e a compreensão de que ela é espaço de vida e de futuro teve início muito cedo. Cresci com as palavras da mãe que, privada da experiência formal de ensino, valorizava o que não acessou e fortemente lançava ao universo e a mim suas palavras dizendo que eu precisaria estudar para que tivesse, no futuro, uma vida melhor do que a que ela tivera.

Entre a potência do desejo e a realidade da profissão, percorri meu caminho de formação embricada com a educação. Iniciei esse percurso de forma mais concreta ao ingressar no curso de Magistério, durante meus estudos no Ensino Médio. Ainda nesse período, iniciei minha vida profissional na área da educação, como estagiária e posteriormente, como professora auxiliar. Juntamente com o ingresso no curso de Pedagogia, assumi minha primeira sala de aula como professora titular na Educação Infantil. Continuei minha trajetória de estudos muito envolvida com cursos, grupos de estudos e pesquisas relacionadas à educação e à arte como lugar de reflexão e investigação sobre o ensino e a aprendizagem. Nessa caminhada, fui convidada a realizar o curso de formação de estagiários proposto pela escola Vivavida (instituição onde trabalhei e trabalho) e futuramente assumi o papel de coordenadora pedagógica e formadora de professores nessa mesma instituição. Somando-se a esse papel, iniciei a atuação como assessora pedagógica.

Recuperar meu percurso, minha memória de vida e de formação, traz novos sentidos à minha identidade profissional e reposiciona meu papel de professora/pesquisadora e aprendiz, o que contribui para reafirmar reflexões que proporei nesse nesse texto.

Esse percurso me coloca entre o “sonho da mãe” e a realidade de vida/profissão. Tantos anos mais tarde, nesse futuro que se faz presente, cá estou. Entregue à escola e sua possibilidade de futuro. Diante de uma pesquisa que se propõe a defender o ensino e a formação de professores no cotidiano escolar, entendendo esse espaço como lugar de vida, de criação, de pesquisa, de aprendizagem e de futuro.

Fisgada pela palavra defender, detive-me nesse contexto a pensar sobre a defesa da formação de professores na escola e quis entender e declarar um pouco melhor sobre o que essa palavra representa no cenário em que essa pesquisa se estrutura.

Provocada por BOSI (1994, p.18) ao perguntar: “Que é ser velho?” Pergunto-me: Que é ser professor?

Provoca-me um pouco mais a autora ao dizer: “Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto de onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado.”. (BOSI, 1994, p. 18)

Teríamos aí uma aproximação entre o velho e o professor? Entre a escola e a essência da cultura? Pergunto-me se como professores, estamos vivendo o presente/passado de modo preparar o devir, a construir o que pode ser a essência dessa cultura de formação. Nessa perspectiva, acredito que preparar o devir, relaciona-se com nossa inquietude diante do mundo, com a postura investigativa, com o envolvimento em torno das questões que nos movem, com a potência de vida e de criação presente ao planejarmos e vivenciarmos as experiências de aprendizagem na formação de professores e alunos.

Desse ponto, falar sobre o professor e a escola, representa falar (e defender) sobre lugar de vida, de reinvenção e de aprendizagem que constrói cultura e cria futuro.

Destaco a palavra lugar, no sentido que nos propõe BARBIERI (2014-2015, Projeto Lugares realizado no SESC)¹, entendo lugar como espaço habitado, que constrói seus sentidos com a presença e a ação humana, concebendo a figura do aprendiz cada vez mais ativa.

Nessa perspectiva, o espaço transforma-se em lugar com a ação e a construção que se faz na troca, na relação com o outro, com o patrimônio cultural, artístico, científico e filosófico,

¹ Sobre o projeto “lugares” realizado por BARBIERI (2014-2015) no SESC, a autora nos aponta intenções da proposta ao dizer no portfólio on-line: “são obras-oficinas, espaços de reflexão e também de produção, em que o participante pode se envolver e ter possibilidades de ação. A intenção é que esse projeto se constitua em campos de presença, ou seja, em espaços que nos fazem estar entregues e presentes.”

resultando no entre-lugar onde a aprendizagem e a constituição da identidade individual e coletiva se dá.

Nesse sentido, trago a hipótese de que ao acessar as memórias de formação e de vida e narrá-las, acessamos esse “entre” que nos coloca diante das transformações externas e internas, dos sentidos que nos constituíram e estruturaram nossas identidades individuais e coletivas. Talvez, ao nos encontrarmos entre as identidades que representam o que foi e o que é (perspectiva externa), possamos recriar o que fomos e o que somos/estamos (perspectiva interna). Considerando esse entre lugar que se faz no tempo e no espaço habitado e constituído de sentidos e significados, começo a investigar a formação do professor na escola, como lugar de criação, pesquisa e aprendizagem. Lugar de protagonismo e autoria.

Na expectativa de que, ao se (re) encontrarem com seus percursos, reencontrem-se também com os sentidos que os constituíram de modo a se reinventarem e recriarem suas trajetórias assumindo de forma autora seus processos de aprendizagem e de futuro, consolidando a postura investigativa e inventiva.

Pergunto-me se pensar a formação do professor em contextos de vida, de criação, de pesquisa e de aprendizagem, contribui para o reposicionamento do seu papel, possibilitando que se desloque da posição de reprodutor e transmissor de conhecimento, para aquele que pesquisa, cria contextos, constrói conhecimento, que aprende enquanto ensina. Com a hipótese de que essa mudança de posição reascenda o exercício do ato curioso diante do mundo e desperte sua capacidade de transformar e se transformar a partir da experiência constante de recriação e pesquisa, coloquei-me a investigar caminhos para que essa possibilidade se desse.

Como ponto de partida, busquei na minha própria história de vida, como professora e aprendiz, as pistas que pudessem colocar em relevo os percursos, as fronteiras, os territórios que apontassem para esse caminho, para as possibilidades de construção, para o encontro do recorte dessa pesquisa/ação, como mencionei acima.

Desse lugar, cabe dizer que essa pesquisa, nasceu com as marcas da minha própria história de vida e formação, de vivência e teoria. Da relação pessoal com a experiência estética, com a palavra, com as narrativas e da hipótese de que a formação dos professores pode se dar de forma mais consistente se caminhar junto com sua história e com sua capacidade de criação.

Entendendo criação como nos aponta SALLES (2013, p. 100), “como a seleção de determinados elementos que são recombinações, correlacionados, associados e, assim, transformados de modos inovadores.”.

Essa forma de pensar a formação, contrapõe-se a ideia de educação como espaço de informação e transmissão, reconhecendo-a como lugar de construção de sentido, composição de olhares, repensar de processos... Como lugar de pesquisa e reinvenção.

Abro aqui uma fenda no tempo e no texto, para recuperar aspectos mais específicos do meu percurso de formação. Aspectos que me posicionam e me reposicionam nessa pesquisa, que revelam marcas da minha experiência que deram origem aos questionamentos e inquietações que trago sobre a formação de professores e, sobretudo, que me inspiraram a pensar caminhos para a formação continuada de professores...

Minha trajetória como educadora, teve início “oficialmente”, no ano de 1999, na escola Viva Vida. Uma escola privada de Educação Infantil da região sul da cidade de São Paulo. Da atuação como professora auxiliar até o início do papel como formadora de professores, lá se foram 9 anos. Esse período tão frutífero de construção do meu papel como educadora, foi marcado por trocas constantes com coordenadores, professores e auxiliares. Encontros cotidianos que se davam nos corredores, na sala da equipe, na atuação com o grupo de alunos e com os pares, nas reuniões individuais e coletivas que garantiam espaços significativos de relação com a arte e com a criação, nos confrontos de ideias e nas construções colaborativas que aconteciam entre educadores. Trocas que nos colocavam a refletir e a atuar considerando

os saberes em torno da cultura, da ciência, da teoria sobre o desenvolvimento infantil e do cenário cotidiano de aprendizagem que nos impunha à necessidade de lançar mão de todos esses recursos para ensinarmos e aprendermos sobre o ensino. Tudo isso, no chão da escola.

Essas experiências nos faziam acionar saberes anteriores para adquirirmos novos e nos colocavam a construir teorias a partir do nosso próprio fazer.

Uma marca muito significativa dessa experiência de produção coletiva e construção de conhecimento eram as preparações das mostras anuais de artes, que nos colocavam a pensar nos conceitos trabalhados, a estruturar os caminhos para viabilizar as ideias, a relacionar as intenções com as teorias que fundamentavam nossas escolhas e, por fim, encontrar as linguagens mais adequadas para representar nosso pensamento/intenção. No dia da mostra, ao tornar pública a narrativa do nosso trabalho, também tornávamos quase viva a experiência. Reencontrávamo-nos com nossa trajetória, com a pesquisa, com os conhecimentos adquiridos, com a emoção vivida, com a reinvenção do nosso percurso e de nós mesmas ao darmos novo sentido ao vivido enquanto produzíamos o trabalho. De um modo interessante, reviver essa trajetória e contar sobre ela, nos possibilitava construir novos sentidos e nos apropriarmos ainda mais do trabalho e das aprendizagens construídas.

No ano de 2008, ao iniciar o meu percurso como coordenadora pedagógica, foi na memória da experiência de formação e no reconhecimento do valor desse espaço de confronto, pesquisa e criação, que alicersei meus primeiros estudos e ações em torno da formação de professores. Foi nessa mesma escola, agora com outro nome, Carandá Vivavida – Educação, que hoje atende todos os ciclos da educação básica, que iniciei essa trajetória como professora e coordenadora pedagógica. A partir das bases que me formaram, comecei a levantar, ainda sem ter consciência disso, algumas hipóteses sobre a importância da narrativa de educadores e da produção coletiva para a construção da autoria na formação do professor. Aspectos que trouxeram as primeiras bases para o nascimento dessa pesquisa.

Ao longo desses vinte e um anos como educadora, atuei como estagiária, professora auxiliar, professora titular, formadora em cursos de curta duração, coordenadora e assessora pedagógica.

Nesses dez anos realizando a formação de professores, tive a oportunidade de atuar com profissionais de diferentes instituições e realidades distintas. Muitos professores trazendo cenários de atuação individualizada, contextos de reprodução de conteúdos previamente estabelecidos, pouco espaço de autoria, de criação e de troca com colegas. Aspectos que dificultam que o professor assuma o papel de pesquisador e aprendiz, que reinvente suas práticas, que encontre suas perguntas, que se coloque vivo em sua sala de aula e na busca por sua própria aprendizagem.

O encontro com esse contexto, fez com que eu revisitasse a experiência de formação que tive dentro da escola Viva Vida. Essa memória fez-me perceber que havia algo vivo, orgânico, no modo de viver a aprendizagem do professor naquele cenário e cultivou em mim a hipótese de que esse professor autor, talvez se constituísse dentro da escola, com experiências vivas de aprendizagem, com espaços consistentes de confronto de ideias, de planejamento de futuro, de escuta de si e do outro, de encontro com os sentidos de sua própria história na relação com a aprendizagem, com a pesquisa e a produção coletiva entre educadores.

Com essas hipóteses, chego à escola Vila do Aprender. Instituição de ensino Infantil, localizada no bairro da Vila Olímpia, na cidade de São Paulo, que trouxe na voz da direção o desejo de encontrar na presença e no olhar de uma assessora pedagógica, o investimento na formação de sua equipe de professores dentro da escola.

Esse convite/proposta, abria a fresta que eu buscava para a investigação sobre como os espaços de formação dentro da escola, nos contextos anteriormente mencionados, contribuiriam para o encontro do professor com sua voz autora, com seu papel criador e pesquisador.

Nesse cenário, nessa escola, com esse grupo de professoras, nascem os encontros de formação com a equipe e a pesquisa que partilho com vocês nessa dissertação que se estrutura da seguinte forma:

No capítulo 1, a introdução, aponto o ponto de partida e as intenções dessa pesquisa e recupero meu percurso de formação.

No capítulo 2, trago aspectos da história da escola Vila do Aprender; a origem, as marcas da trajetória e o contexto em que se instala essa experiência de formação junto com as primeiras relações que estabeleço com as práticas e as teorias que têm me formado. Na sequência, ainda no capítulo 2, ao me aproximar da Vila do Aprender, retomo brevemente o olhar para a escola como instituição de forma mais ampla, relacionando esse contexto à história de formação de professores. Em seguida, faço um breve registro sobre cada uma das protagonistas dessa história, as professoras da Vila. No relato, um pouco de suas trajetórias de formação e as primeiras imagens que me deram a ler. Aspectos que foram fundamentais para o início do trabalho. Concluo esse capítulo com aproximações em torno dos primeiros encontros com as professoras.

No capítulo 3, aponto para a metodologia de pesquisa e o início desse caminho de investigação.

No capítulo 4, partilho nossa experiência de formação, as marcas de nosso processo, a constituição do grupo e a construção do trabalho. Aspectos entremeados, costurados pelas teorias que foram compondo essa trama, essa história de formação.

No capítulo 5, as marcas teóricas e reflexivas que contribuíram para a composição do meu olhar para esse percurso.

No capítulo 6, trago algumas das aprendizagens que a pesquisa trouxe à pesquisadora.

Por fim, partilho algumas considerações acerca das questões, os aprendizados vividos, construídos, ressignificados nessa experiência, que abriram novas possibilidades de reflexão e aprendizado.

2. O encontro com a escola Vila do Aprender

Ao narrar essa experiência particular de formação, que se fez entre o olhar para A Escola e a formação das professoras da escola Vila do Aprender, entendendo a experiência do encontro e da produção como potência aprendiz, inicio esse registro por uma breve apresentação dessa escola que se constituiu como cenário para essa pesquisa e de nossas primeiras aproximações.

Meu encontro com a escola Vila do Aprender aconteceu fora dela, mas dentro do cenário da aprendizagem. Rosângela Aquino, uma das sócias-diretoras da instituição, participou de um encontro de formação realizado por mim no Centro de Estudos Madalena Freire, no final do segundo semestre do ano de 2014. O tema proposto para a discussão foi: O papel do coordenador pedagógico e os instrumentos metodológicos utilizados na formação do professor.

Nessa ocasião, já inquieta com meu papel formador junto aos professores e buscando por essas vozes no cotidiano da escola, partilhei alguns dos aspectos que provocavam minha investigação e mobilizavam a ação junto à minha equipe de trabalho. Ações que se relacionavam especialmente, aos encontros coletivos e que principiavam a evidenciar pequenas mudanças na atuação das professoras e também na minha forma de conduzir o trabalho.

A partilha dessas reflexões, de um modo inesperado, atravessou a diretora da Vila do Aprender que, ao final do encontro, procurou-me para conversar um pouco mais sobre a formação de professores, sobre o papel do coordenador para o fortalecimento da autoria de sua equipe e sobre a possibilidade de eu realizar uma palestra para suas professoras.

Sem compreender muito bem o cenário, mas bastante desejosa por esse espaço de troca e de ampliação de redes, aceitei o convite para uma conversa com a direção, com o intuito de entender melhor sua intenção.

Algumas semanas mais tarde, encontramos-nos para essa conversa. No período entre o encontro de formação realizado por mim e nossa reunião, Rosângela Aquino, em concordância com sua sócia, Rosália Mantagrano, avaliou que seria interessante contar com uma assessora pedagógica para realizar a formação de sua equipe. Assim, convidou-me para, no início de 2015, assumir os encontros de formação no papel de assessora pedagógica nessa instituição.

Esse convite abria uma importante fresta para essa pesquisa que, até então, existia como inquietação, como questionamento e levantamento de hipóteses sobre a construção da autoria na formação do professor.

Convite aceito. Hora de começar a construir as bases para essa formação.

Na tentativa de compreender um pouco melhor o que motivava esse convite, busquei me aproximar da história da escola e de seu percurso na formação de professores...

A Vila do Aprender é uma escola privada de Educação Infantil que existe há 17 anos. Está localizada na Vila Olímpia, região sul da cidade de São Paulo e teve início atendendo filhos dos funcionários da empresa DASLU com uma proposta de convênio. Do início com atendimento exclusivo a esse público até a abertura para receber as famílias da região, foram 7 anos.

O nascimento da escola contou com uma assessoria para a contratação da equipe e formação das professoras. Três anos mais tarde, Rose Aquino, uma das sócias, assumiu a parte pedagógica e formação das educadoras.

Em 2008, já sem a presença da assessora, a escola abriu as portas para a comunidade e, aos poucos, por questões alheias a sua vontade, encerrou o convênio com a DASLU.

Acreditando na importância da formação continuada dos professores, Rose Aquino e Rosália Matangrano, nesse período, investiram na participação da equipe em cursos oferecidos por diferentes instituições, mas cultivavam o desejo de oferecer, dentro da própria escola, um espaço mais sistematizado de formação.

Minha chegada à essa instituição de ensino, materializava esse desejo e também abria uma possibilidade para eu investigar, na ação, como os espaços de formação, dentro da escola, contribuiriam para a construção do papel autor, criador e pesquisador do professor. Com esse primeiro desenho, comecei a me preparar para esse trabalho que teve início em 2015.

2.1 Palavras de começo... Algumas reflexões sobre a Escola e a formação de professores a partir desse encontro.

O encontro com a escola Vila do Aprender, nesse contexto de formação, proporcionou o meu reencontro com a imagem da escola. Ponto de partida para essa reflexão/investigação.

Acredito que a escola se faz para além do seu espaço físico, por sua ocupação. O habitar de alunos e profissionais que tornam esse ambiente, lugar de vida, de experiência, de criação, de reinvenção, de pesquisa e de aprendizagem.

MASSCHELEIN E SIMONS (2014), em defesa à escola, ajudam-nos a pensar nos sentidos que a constituem e nos chamam a refletir sobre sua essência ao falar sobre a escola como lugar de investigação, de tempo livre para o estudo e para que o “mundo possa ser

partilhado”, para nos debruçarmos em torno de determinado objeto de modo a tentar desvendá-lo em suas possibilidades e potencialidades. Nessa perspectiva, provocam-me a entender a escola como ambiente que permite sustentar as incertezas, o confronto de ideias, o levantamento de hipóteses, a capacidade investigativa, o encantamento pelas sucessivas redescobertas do mundo que se coloca diante de nós. Um lugar para ressignificar a relação com o tempo e com o conhecimento. Como nos chamam a refletir ao proporem essa imagem:

Motores e carros meio desmontados são exibidos como se estivessem em um museu. Mas esse não é um museu do automóvel, é uma oficina, um atelier. [...] Essas peças não têm dono, apenas estão lá, para todos. Elas não são os modelos e motores mais recentes – mas é a essência o que conta. Montagem e desmontagem, em sua forma mais pura. Manutenção e pequenos reparos, também. As coisas devem ser bem feitas, com um olho para o detalhe, know-how também, e muito discernimento. Não discernimento mecânico, mas o discernimento em mecânica. E eletrônica. Apenas o motor despojado parece ser capaz de dar esse discernimento, como um modelo nu em torno do qual o professor reúne seus alunos. Como se a coisa ansiasse por ser estudada, admirada, mas também, cuidadosamente desmontada e cuidadosamente restaurada. Não tanto o professor, mas aquele motor requer habilidade, e é como se os motores em exposição tivessem se sacrificado para o aperfeiçoamento dessas habilidades. Eles fazem o tempo, dão tempo – e o professor garante que os alunos o usem. Para praticar com olhos, mãos e mente. Uma mão hábil, um olho experiente, uma mente focada – a mecânica está no toque. Apenas adequado, mas felizmente não totalmente. Porque, então, não haveria mais tempo para o estudo e a prática, e, portanto, não haveria tempo para erros e novos discernimentos. (MASCHELEIN E SIMONS, 2014, p. 37 e 38)

A imagem do motor afastado de uma finalidade pré-determinada, da busca por uma resposta que nasce antes da pergunta, mas como algo que solicita (e permite) ser visto de diferentes formas, com tempo para ser estudado, desvendado, possibilitando a construção de diferentes saberes a medida que colocado em campo de discussão e reflexão, de contemplação e questionamento, redimensiona nosso modo de entender a escola e a relação com o conhecimento. Esse motor que não precisa colocar o carro a funcionar, pede para ser desvelado. Retira-nos da necessidade de um fim específico e aproxima-nos da curiosidade aprendiz que nos move a conhecer, a colocar em relação, a ampliar e aprofundar. Essa escola dá tempo e espaço para a investigação, para o nascer da pergunta, para que “algo do mundo seja colocado sobre a mesa” (MASCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 42) para ser estudado.

Ou seja, algo (um texto, uma ação) está sendo oferecido e se torna, ao mesmo tempo, separado de sua função e importância na ordem social, algo que aparece em si mesmo, como um objeto de estudo ou de prática, independentemente do seu uso adequado (em casa ou na sociedade, fora da escola). Quando algo se torna objeto de estudo ou de prática, isso significa que exige a nossa atenção; que nos convida a explorá-lo e engajá-lo, independentemente de como ele possa ser colocado em uso. (MASCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 42)

Pergunto-me como pensar essa proposta de escola para o aluno, sem transformarmos as experiências do professor na relação com a aprendizagem em seu cotidiano escolar. Sem que ele tenha tempo para estudar algo que, separado do mundo e da finalidade pré-estabelecida, permita aprofundamentos, conexões e ampliações. Trata-se de uma mudança de postura, de uma transformação no modo de conceber a relação com o ensino e a aprendizagem.

Se essa é a escola que defendo, parece-me coerente defender também a formação do professor, considerando a importância do tempo livre para o estudo e o encontro com a experiência do mundo nos contextos de vida e no cotidiano de formação do educador.

Percebo que a Escola, essa, com letra maiúscula, de forma geral, nega ao professor esse tempo livre para o estudo, no sentido que nos propõe Jan Masschelein e Maarten Simons. O tempo livre para debruçar-se em torno do conhecimento. Aquele que momentaneamente é retirado do mundo e posto na sala de aula para tornar-se objeto de pesquisa em sua amplitude. Ao contrário, por vezes, em sua formação, o professor tem sido chamado a pensar o conhecimento e a aprendizagem a partir da ideia de reprodução. Nesses contextos, aos poucos, distancia-se da ideia de aprendizagem como experiência de problematização, a possibilidade de por em diálogo diferentes pensamentos e possibilidades, para se aproximar da busca pelas respostas certas.

Essa escola em que nos formamos, como aponta LARROSA (2015), cultivou ainda a imagem do professor como aquele que professa, um pregador de certezas. Como se, ao assumir o papel de professor, precisasse distanciar-se do papel de aprendiz, da possibilidade de se colocar em dúvida, de questionar caminhos. Ao chamar a atenção para o riso nos contextos de sala de aula, coloca diante de nós o desafio redimensionar a imagem do professor e sua relação com as certezas ou do suposto abismo que coloca entre si próprio e o estudante, ao acreditar que ocupa um lugar diferenciado na relação com a aprendizagem.

[...] Um estudante sim, pode vestir a capa puída do vagabundo. Mas um professor não pode. Um professor com capa puída pareceria um impostor e não um professor de verdade. Um professor tem de ter uma postura sobre as coisas das quais ele fala, tem de saber manter uma posição. E se veste uma toga, qualquer impostura pode se apresentar como se fosse uma postura e qualquer posição pode se converter

em imposição. Mas se veste uma capa puída, se não tem posturas para impostar, nem posições para impor, se não se enxerga sem a sua toga, quem vai lhe prestar atenção?

Um professor tem muito de pregador. Por isso, o tom professoral é uma mistura de austeridade e dogmatismo. A única coisa que um professor pode fazer sem se ruborizar demais é pregar o riso, analisar o riso: reivindicar seriamente o chapéu de guizos, falar dogmaticamente sobre as orelhas de burro, fazer um sermão sobre a capa puída dos vagabundos. Mas um professor não pode vestir um chapéu de guizos. Aos professores nos falta, talvez irremediavelmente, essa aristocracia de espírito, essa finura de espírito, essa leveza que ainda tinha o pensamento quando não era monopólio dos professores, quando ainda não se havia contaminado dessa austeridade pedagógica [...] (LARROSA, 2015, p. 168 e 169)

Com essa imagem, provoca-nos a refletir sobre as certezas que cultiva o professor ou que acredita ser necessário cultivar para assumir esse papel. Ao construir sua imagem em torno das afirmações, das imposições, distancia-se de sua potência aprendiz, da possibilidade de se colocar – assim como colocar a seus alunos – diante de algo que possa ser investigado, desvendado, (re)significado. Com essa postura, entende o conhecimento como algo estável, incontestável, indiscutível, sagrado. A busca pelo estudo requer a dúvida, a consciência da incompletude. A busca pela aprendizagem, requer a falta. O riso, segundo o autor, pode ser uma alternativa para romper com essa marca. Diz-nos: “O riso destrói as certezas. E especialmente aquela certeza que constitui a consciência enclausurada: a certeza de si. Mas só na perda da certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza, está a possibilidade do devir.” (LARROSA, 2015, p. 181)

Tais reflexões aproximaram-me da busca por um entendimento da escola como lugar da construção do comum, da reinvenção, do confronto de ideias, do questionamento das certezas, do encontro significativo com a aprendizagem na formação do professor. Aspectos que começavam a dar contornos mais consistentes a essa pesquisa e à possibilidade de ressignificar, no cotidiano formador, a relação com o conhecimento e com a construção da autoria profissional do professor.

Criar cenários que possibilitem ao professor, questionar as normas, refletir sobre os processos, duvidar de certezas, poderia oportunizar a transformação do modo de se relacionar com a aprendizagem de forma que deixe de entendê-la como algo dado e externo a ele.

Refletir sobre essas questões provocou-me a pensar sobre como a escola em seus contextos cotidianos de formação, poderia re-significar o encontro do professor com a aprendizagem e com sua voz autora. A experiência de formação com as professoras da Vila do Aprender, possibilitou-me o contato mais direto com os desafios e as potências dessa experiência que, até então, faziam-se presentes mais no campo das hipóteses e das reflexões. Ainda que eu falasse a partir do chão da escola e de um percurso pessoal na educação que já existe há 21 anos.

Estar na escola Vila do Aprender com abertura para essa investigação, fez com que eu me aproximasse dessa experiência no corpo, que confrontasse minhas hipóteses, que reinventasse processos, questionasse certezas e ampliasse possibilidades.

Durante esse percurso de quase três anos de formação, de pesquisa, de dúvidas, de confronto, de aprendizado e de transformação, tenho me encontrado com o desafio de romper com essa imagem do ensino e da aprendizagem como lugar de reprodução, de distanciamento da busca pelas respostas certas, de abertura para a possibilidade de expor as hipóteses acerca dos assuntos discutidos, de modificar a postura de professor-aluno para professor-pesquisador. Entendendo o professor-aluno como aquele que se coloca à espera do conhecimento/informação, da resposta do professor e o professor-pesquisador, como aquele que se sente provocado a encontrar suas próprias perguntas e buscar hipóteses em torno dos caminhos que se propõe a seguir. Encontrei-me também com tanta beleza e encantamento ao observar as professoras descobrindo-se capazes em suas próprias vozes, enxergando aprendizagem em sua história de vida e ganhando confiança para assumirem suas pesquisas e seus saberes no e com o coletivo.

Ao longo desse processo, indaguei-me sobre a relevância da partilha dessa experiência, como possibilidade de ampliação da reflexão a respeito da construção da autoria do professor a partir do resgate de suas narrativas, de sua identidade e da percepção da consistência de suas aprendizagens nesse percurso de vida e de formação de modo a se apropriar de seus saberes para construir novos de maneira mais consciente.

Entendendo a formação como lugar de confronto e de composição entre teoria e prática, entre experiência e sentido, entre pesquisa e ação, entre reflexão e partilha, avalio ser relevante partilhar essa experiência que se deu entre viver e pensar a formação; entre propor e participar; entre indagar e indagar-se; entre agir e sofrer a ação, como caminho de pesquisa. Caminho que leva para fora e também para dentro. Como nos propõe Jorge Larrosa ao invocar a imagem do professor como aquele que “conduz alguém até si mesmo” (LARROSA, 2015, p. 51).

Dessa forma, uma das expectativas com essa pesquisa é de que o professor se reencontre com sua voz autora, (re) encante-se com a aprendizagem e, em seu ato aprendiz, possa conduzir-se a si mesmo ao sair de si e se colocar em relação – com o outro e com o conhecimento -.

2.2 As primeiras percepções sobre o contexto... Compondo meu olhar.

A breve reflexão sobre a escola e sua essência, permitiu-me pensar nessa escola (a Vila do Aprender) e sua essência. Sobre como a Vila e sua equipe de professoras se colocavam nesse cenário. Aspectos que seriam fundamentais para nossas construções.

Cheguei à escola Vila do Aprender, sem conhecer a história de formação e de vida dessas professoras, mas acreditando na importância de compor esse cenário junto, como ponto de partida para a construção do comum desse grupo em nossa jornada de pesquisa, de construção de sentido e de aprendizagem.

Ao entender a escola como ambiente que se constitui a partir de sua ocupação, da interação entre pessoas, da relação com o conhecimento e a experiência de mundo que essa relação nos proporciona, tornava-se relevante aproximar-me do contexto dessa escola e da relação de seus membros entre eles e com o conhecimento. Aspectos que contribuiriam para compor meu olhar e para alicerçar as propostas.

Esta era a primeira vez que esse grupo teria um espaço coletivo de formação dentro da instituição. O que, de alguma forma, declarava a intenção da direção de proporcionar contextos de diálogo e reflexão sobre a aprendizagem na Vila do Aprender (Mesmo que a solicitação inicial ainda trouxesse um olhar para a formação como lugar de informação.). Acordamos que os encontros de formação de professoras, se realizariam em reuniões quinzenais com 2 horas e 1h30 de duração, dentro da escola. Tempo e espaço que traziam os primeiros contornos dessa proposta. Era necessário construir outros terrenos de aproximação...

Estávamos inaugurando uma nova experiência formativa com esse grupo e com essa escola. A possibilidade de pensar a aprendizagem a partir de dentro, da realidade dessa equipe e da instituição. A formação no cotidiano escolar. Identifico essa possibilidade como potência, mas também como desafio, já que nossa história com a escola e a aprendizagem, por vezes, se deu pela perspectiva externa.

Esse modo de pensar a formação já solicita um reposicionamento no que diz respeito à autoria. Para pensar a partir de dentro, precisamos colocar as nossas experiências, questões e reflexões em jogo. O exercício de colocar nossa voz em diálogo, de nos expor no que pensamos e nos abrir para a escuta do pensar do outro. Outra fresta que se abria para considerar caminhos possíveis.

Para costurar melhor esses fios e me aproximar desse “dentro” que é a Vila do Aprender, tornava-se pertinente conhecer um pouco melhor as professoras dessa escola e seus percursos de formação.

Um “encontro”, antes do encontro.

2.3 As professoras... Primeiras percepções.

Meu encontro com as professoras, deu-se primeiro pelas palavras que tentavam dizê-las. Palavras que chegaram a mim pela diretora Rosângela Aquino que, ao falar sobre a equipe, escolheu como recorte a formação de cada uma. Suas palavras, inicialmente, contaram sobre os títulos, não sobre o percurso ou sobre as características das profissionais. Relato que posteriormente se misturou às percepções, estruturadas nas duas primeiras reuniões realizadas com o grupo.

Abaixo, um breve recorte, fruto da soma das informações oferecidas pela diretora sobre os cursos de formação realizados pelas professoras e as primeiras impressões que tive após realizarmos as duas primeiras reuniões coletivas que deram base para o início do percurso. Após essa pequena partilha sobre as marcas do individual, contarei um pouco sobre as experiências iniciais com o coletivo de professoras da Vila do Aprender.

Sobre as professoras...

Andréa Lages, pedagoga, com pós-graduação em psicopedagogia e neurociência aplicada à educação. No início, aparentemente desconfiada. Demonstrava avaliar se eu teria ou não predicados que justificassem o reconhecimento de uma “autoridade formadora” no grupo. Em pouco tempo, construiu uma importante parceria de trabalho comigo e com isso, soltou-se mais também junto ao grupo. Por uma mudança de escola, essa parceria foi interrompida em setembro de 2015.

Adriana Wertchko, pedagoga, com pós-graduação em psicomotricidade, mostra um encantamento particular por sua história de vida. Aspecto que evidencia no modo como se envolve com as questões que a permitem conectar marcas de seu passado com discussões e estudos realizados no grupo. As propostas relacionadas às memórias pessoais recebem destaque em sua participação.

Alais Xavier, pedagoga, com pós-graduação em psicomotricidade. Sua relação com a escola mostrou-se muito atrelada à sua história de vida e formação. Vinda da região Nordeste do Brasil, encontrou na Vila do Aprender espaço para a construção da sua própria aprendizagem. Iniciou na escola sem formação universitária e junto ao seu percurso profissional foi construindo seu processo de aprendizagem também fora da instituição.

Aline Meneses, pedagoga, com pós-graduação em psicomotricidade. A atuação como psicomotricista em um dos períodos, estabeleceu uma relação diferenciada com a escola e com seu papel de “especialista”. A relação com a arte mostrou-se um importante traço de sua vida pessoal que trouxe também para a profissão. Aspecto que permeia suas aulas.

Carla Barbieri, pedagoga, com um jeito muito peculiar de se aproximar e se deixar aproximar do grupo e de quem está chegando. A relação com as linguagens da arte se fez bastante presente em sua vida pessoal e isso a torna particularmente articulada na possibilidade de estabelecer relações entre os assuntos, de modo a ampliar os conhecimentos. Fala um pouco sobre tudo e revela um olhar sensível para o mundo ao seu redor.

Kátia Sousa, pedagoga, arte-terapeuta e artista plástica. Sua relação intensa com a arte transpira no modo como se relaciona com o mundo e com o conhecimento. No início, aparentou certa resistência, mas, aos poucos, seu encantamento pelo conhecimento, foi rompendo as barreiras e dando lugar à entrega e disponibilidade para as propostas.

O envolvimento com a arte também a fisga no viés político e questionador. Os elementos da cultura africana e indígena mostram-se bem presentes em seus projetos junto aos alunos. Também um modo de se posicionar e deixar marcados os valores que defende como professora e representante da miscigenação presente na cultura Brasileira.

Esse grupo iniciou conosco o trabalho e, no decorrer da caminhada, com a abertura de novas turmas e a saída das professoras Andréa Lages e Aline Meneses, recebemos novas companheiras que seguem conosco.

Ana Claudia, fonoaudióloga, pedagoga, com pós-graduação em alfabetização. Filha de pedagoga, Ana orgulha-se de dizer que cresceu no chão da escola de sua mãe. A constante busca pela aprendizagem e o encantamento pelo conhecimento são marcas de sua atuação. A habilidade manual também marca sua participação e faz com que procure nesse recurso, soluções para questões que pretende desenvolver com seus alunos. Sobras de tecidos, fitas, materiais recicláveis, canetas... Instrumentos que são transformados com a potência de seu olhar, transformando-se em conhecimento.

Carla Mauro, Arquiteta, pedagoga, com especialização em História da arte. Sua relação com a arte ganhou força dentro de casa, na interação com o avô. Criação, jogo, fantasia... As

marcas dessa história voltaram nos encontros do grupo. A história de vida, misturou-se à profissão. Os estudos na Europa, as lembranças do tempo com o avô, o gosto pelas diferentes linguagens da arte, ao serem partilhados com as colegas, foram ressignificados. Permitiram que se reencontrasse com saberes que pareciam não caber naquele contexto.

Flávia Novaes, com graduação em pedagogia e em artes-visuais. A sensibilidade do olhar artístico mostra-se em suas produções. Mais do que isso, suas representações revelam o olhar estético com que se relaciona com o mundo e com o conhecimento. Escolhe cada elemento com muita consistência. Letras, cores, formas, palavras... Tudo é imagem. Na formação e na atuação como formadora junto aos seus alunos.

Com essas imagens ainda sombreadas, aproximei-me da identidade pesquisadora de cada professora, comecei a compor as possibilidades para nossa construção, aqueci-me para nossos primeiros encontros.

2.4 Os dois primeiros encontros... Primeiras aproximações

Em fevereiro de 2015, conhecemo-nos pessoalmente, as professoras e eu. Nosso primeiro contato tinha a missão de possibilitar as primeiras aproximações, as primeiras escutas de uma e de outra e, talvez, apontar para um caminho que desse sustentação ao trabalho.

Expectativas, olhares curiosos... No primeiro momento, o silêncio das professoras demonstrava que gostariam de sentir o terreno antes de pisar o “novo chão”. Também eu, no papel de formadora e aprendiz, trazia expectativa diante do novo e a necessidade de compor os recortes que me ajudariam a mapear o caminho.

Pouco a pouco, comecei a recolher as pistas que contribuiriam para o planejamento do trabalho/pesquisa. Considerando a conversa com a direção, a expectativa do estudo sobre Reggio Emilia, os temas dos cursos de pós-graduação realizados pela equipe e minha intenção

de possibilitar o encontro das professoras com a voz autora, propus-me a iniciar as construções do grupo a partir da partilha das histórias de formação e de vida. Marcas da identidade pessoal e profissional do grupo.

As palavras de LARROSA (2014), abriram uma fresta para pensar nesse caminho que buscava pela experiência, pelo encontro com a própria palavra e a possibilidade de, falando a partir de si, encontrar-se com o outro e com o conhecimento.

Para podermos nos falar precisamos falar e escrever, ler e escutar, talvez pensar, em nome próprio, na primeira pessoa, com as próprias palavras, com as próprias ideias. Obviamente, só podemos falar (e escrever) com as palavras comuns, com essas palavras que são ao mesmo tempo de todos e de ninguém. Falar (ou escrever) com as próprias palavras significa se colocar na língua a partir de dentro, sentir que as palavras que usamos têm a ver conosco, que as podemos sentir como próprias quando as dizemos, que são palavras que de alguma maneira nos dizem, embora não seja de nós de quem falamos. Falar (ou escrever) na primeira pessoa não significa falar de si mesmo, colocar a si mesmo como tema ou conteúdo do que se diz, mas significa, de preferência, falar (ou escrever) a partir de si mesmo, colocar a si mesmo em jogo no que se diz ou pensa, expor-se no que se diz ou pensa. Falar (ou escrever) em nome próprio significa abandonar a segurança de qualquer posição enunciativa para se expor na insegurança das próprias palavras, na incerteza dos próprios pensamentos. Além disso, trata-se de falar (ou de escrever), talvez de pensar, em direção a alguém. A língua da experiência não traz só a marca do falante, mas também a do ouvinte, a do leitor, a do destinatário sempre desconhecido de nossas palavras e de nossos pensamentos. (...) falar (ou escrever) em nome próprio significa também fazê-lo com alguém e para alguém. (LARROSA, 2014, p. 70)

Para falar em nome próprio, não precisamos necessariamente, falar sobre nossas histórias, mas podemos falar na primeira pessoa a partir das conexões que estabelecemos entre o que lemos ou escutamos, dos sentidos que esse outro texto ou palavra, produz em nós.

Observei que esse exercício de conexão entre a palavra do outro e a própria palavra não era algo a que as professoras se autorizassem a fazer. Como se o primeiro movimento fosse o de tentar “reter” o que era dito ao invés de colocar em diálogo, em relação. Também fruto de nossa experiência de formação ao longo da história com a escola.

Tínhamos aí um primeiro desafio: encontrar espaço interno para acolher as palavras e deixá-las conversar com as referências pessoais possibilitando que falássemos a partir de nós e com o outro. Minha hipótese era que ao recuperarmos as marcas de nossa experiência de formação, nos aproximaríamos desse entre lugar posto entre o “eu” e os “eus” que nos habitam

e ajudam a compor nossa identidade. Nessa perspectiva, a busca pelas palavras comuns, poderia ressignificar a relação com a escuta, com a palavra, com a interpretação.

Assim, começamos com as palavras de todos. Propus que nos apresentássemos contando um pouco de nossas histórias de formação, sobre como chegamos à educação e à Vila do Aprender. As vozes começaram baixas e um pouco reticentes, como se estivessem se sentindo avaliadas ou como se buscassem um sentido prático (útil) para essa ação. Provavelmente, marca da representação construída na escola em torno da imagem de ensino e aprendizagem como meio para um fim específico e pré-determinado.

Aos poucos, o encantamento diante do reencontro com a própria história, foi trazendo uma voz mais firme. Como se, ao narrar-se, cada uma pudesse acessar lugares ainda não visitados em sua própria história e na compreensão de si. A vida e a experiência, começavam a calar a escola da informação.

Esse encontro com o passado, anuncia os sentidos do presente e renova o desejo de futuro. Encontrar-se com a própria história era também encontrar-se com a história de outros e com as marcas da história da humanidade presentes em cada uma.

Enquanto recuperavam seus percursos na educação, informalmente, emergiam em suas vozes saberes que estavam impressos no corpo: Um olhar para a realidade do ensino no Brasil, o clima na região do Nordeste do país, algumas mudanças no transporte de São Paulo, a percepção de diferenças no Currículo do curso de Pedagogia, saberes sobre o desenvolvimento psicomotor, sobre a arte e a educação...

Sem perceberem, foram declarando saberes pessoais, concepções de ensino, áreas de preferência etc. Ao nomearem as experiências, apropriavam-se delas.

Nesse tempo de partilha e de escuta, pouco a pouco, o receio de se expor foi dando lugar à segurança ao falar a partir de algo conhecido. As palavras comuns que descreviam sobre a importância da educação e sobre as marcas da teoria que ficaram na memória ao serem compostas com experiências que fizeram sentido, misturavam-se às histórias pessoais, às dificuldades do percurso, a esperança de uma nova vida, a satisfação com a conquista do diploma. Recortes da realidade social, cultural, política e educacional do Brasil. Marcas da formação e da vida, do fato e da memória, da realidade e da impressão.

Durante os relatos, o encantamento ao se reencontrar com a própria história fez-se presente. Emoção. Empatia. Aproximação. Algumas choraram ao revisitar suas trajetórias e/ou ao ouvir sobre o percurso das colegas. Surpreenderam-se com os relatos, com as marcas de vida de cada uma, com o fato de estarem juntas há tanto tempo e pouco se saberem nessa caminhada. Avançamos um passo na possibilidade de nos conhecermos e nos reconhecermos. As primeiras frestas para a construção desse grupo.

Nesse mesmo encontro, após a apresentação, pedi que falassem sobre as expectativas com relação à formação. A partir disso, projetaríamos nosso percurso. No primeiro momento, queriam ouvir da professora – eu – qual seria a rota desse trabalho. Perguntaram sobre o que faríamos nesses encontros e sobre como essa formação fortaleceria suas práticas.

O entendimento de que a aprendizagem se dá como lugar de informação, mostrou-se novamente presente. Fruto de uma longa caminhada entendendo a formação como lugar de transmissão.

FREIRE (2016), provoca-nos a refletir sobre o desafio de assumir a própria palavra diante de uma educação impositiva. Diante de uma cultura escolar que se estruturou em torno da formação do aluno ouvinte, passivo, não questionador. Vivenciamos o desafio de formar o professor em contextos de diálogo, de pesquisa, de confronto.

O silêncio das professoras e a expectativa pela direção do mestre, apontava para o desafio de romper com a passividade que nos foi ensinada. Não se trata de não ter o que dizer, mas de não se sentir autorizado. De romper com uma trajetória tácita de ensino, que manteve a voz do aluno/professor, silenciada nas vozes dos mestres e das teorias. Trazendo na figura do professor aquele que aponta os caminhos e as palavras que faltam aos alunos/professores ou que são ocultadas pelos professores – mesmo sem perceberem -.

Na busca pela experiência de exposição e pelo exercício de declaração, da re-integração dessa voz silenciada, insisti na possibilidade de planejarmos juntas esse percurso.

Diante da solicitação, novo silêncio. Talvez, a surpresa por perceberem que a proposta não estava dada e que não viria de fora, mas seria construída, junto.

Sustentei o silêncio. Após um tempo, duas professoras mencionaram que a diretora havia informado que estudaríamos Reggio Emilia.

Ao ouvi-las, observei que a expectativa era de que os sentidos dessa formação seriam dados e não construídos. Marca da nossa experiência escolar que, por muito tempo, trouxe-nos a ideia de formação como algo externo a nós, algo que, pouco a pouco, tentamos transformar.

Percebi nessas poucas trocas, que o olhar para a formação como lugar de informação e transferência, fazia-se presente e que a postura do “professor aluno”, com a hipótese de que precisa encontrar respostas para perguntas que não são suas, pois viriam do “professor formador” também mostrava-se viva naquele cenário. Em contrapartida, o desejo de busca pela aprendizagem e o encantamento com a descoberta de si na relação com o outro também começou a se revelar nos entreditos desse grupo.

A proposta, nessa perspectiva, era recuperar a ideia de que ensinar e aprender, existe como processo e se constrói na produção, na autoria, nos sonhos de vida, como nos diz FREIRE (2008, p. 151): “Para (re)acender o (re)conhecimento de desejos, sonhos de vida – esperança que nasce da apropriação do próprio pensamento – na prática pedagógica, é necessário a presença (...) de um educador que se disponha a aprender enquanto ensina...”.

O reconhecimento da presença dos sonhos de vida e da disponibilidade para aprender, foram como janelas abertas para o despertar desse trabalho, mas ainda não conseguia visualizar o horizonte nessa abertura. Conclui esse primeiro ciclo de aproximações com algumas inquietações:

Onde estariam as perguntas das professoras na relação com seu percurso aprendiz?

Como essa experiência possibilitaria que elas pudessem acessá-las?

De que forma o espaço de encontro contribuiria para o despertar da voz autora e da postura investigativa?

Ao final desse ciclo de dois encontros, com todas as incertezas próprias do início de um processo desconhecido e com o desafio de manter as questões em suspensão, acordamos que as reflexões, investigações e produções nesse fórum, não teriam um caráter útil, não seriam um meio para alcançar determinado fim ou um guia que apontaria o caminho a seguir. O valor dessa experiência estaria nos processos e não nos resultados que, aliás, não estariam pré-definidos, mas emergiriam da construção e dos sentidos desse coletivo.

A materialização desse discurso, apontava para um desejo de construção, mas se deu com a clara consciência de que propor, não bastaria, pois seria na vida e no viver, que constituiríamos esse caminho.

Dessa forma, os objetivos para esse trabalho desenharam-se em torno dos seguintes focos:

“Derrubar” os muros da resistência e criar as primeiras aberturas (escuta);

Investir no princípio da construção da identidade desse grupo;

Possibilitar o encontro com as histórias/narrativas das professoras;

Construir o comum desse grupo;

Fortalecer a voz-autora das professoras;

Ampliar experiências de troca com artistas-professores;

Proporcionar contextos de interpretação e representação;

Promover situações de reinvenção (planejamento, criação, ensino e aprendizagem);

Possibilitar contextos de pesquisa, ensino e criação.

Os registros dos próximos capítulos, recuperam reflexões que orientaram o trabalho, as marcas dos processos, das investigações, dos desafios e dos deslocamentos vivenciados com a equipe, assim como o encontro com autores que dialogaram com minhas inquietações e possibilitaram a abertura de caminhos para as construções que se deram durante a pesquisa.

Com a expectativa de que ao falar a partir de nós, possamos falar com alguém e para alguém.

3. Os primeiros contornos... Ou, a preparação para o início da caminhada.

A composição do meu olhar, esboçada a partir da aproximação do contexto da escola Vila do Aprender e da sua equipe, aliada à reflexão sobre a formação de professores, foram disparadores para pensar as primeiras possibilidades na formação dessa equipe em torno do

questionamento inicial: Como os espaços de formação dentro da escola podem contribuir para o encontro do professor com sua voz autora-pesquisadora?

BOSI (1994, p. 73) ajuda-me a refletir sobre autoria ao dizer: “A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial.”.

Acredito que os sentidos têm a ver com o sentir e esses, somente se constituem na experiência, do lado de dentro, nos atravessamentos, nos espaços que habitamos e que nos habitam.

Com esse olhar, comecei a questionar o quanto começar esse processo de formação e construção da autoria, estudando um tema externo ao chão da escola, poderia, de fato, modificar o essencial. Em confronto a essa ideia, pensar na conexão entre as marcas do passado e as ações no presente, na possibilidade de aliar o olhar para o cotidiano, para o concreto, relacionando memória e ação, como ponto de partida para a construção dessa essência, parecia fazer cada vez mais sentido.

Inquietava-me, no entanto, pensar qual proposta possibilitaria esse olhar a partir de dentro.

Debruçada sobre as primeiras imagens que o início desse processo deu a ver, coloquei-me diante de outros olhares, autores, que me ajudaram a ampliar as reflexões e as possibilidades ao pesquisar a experiência de formação a partir do reencontro com as histórias pessoais nos contextos de formação como disparador para construção da autoria do professor.

Vale ressaltar que, por autoria, estou entendendo o reconhecimento de nossa capacidade reflexiva e transformadora a partir das questões em torno do processo de ensino e aprendizagem. Autoria do professor no que diz respeito à percepção de sua condição pesquisadora e criadora, de sua capacidade de estabelecer relações entre os contextos e criar possibilidades a partir dos saberes que possui e, nesse processo, adquirir novos, reinventar-se. Falo dessa voz autora tanto na dimensão individual quanto coletiva. Considerando que o indivíduo se constitui em meio ao coletivo ao qual ele pertence e, nessa (re) constituição constante, provoca também a renovação do grupo que deixa-se afetar pelas partes. Desse modo, entendo ser relevante propor essa construção a partir do diálogo que se pretende a partir da escuta, da pesquisa, da partilha e da produção coletiva.

Ao pensar essa composição de cenários e as possibilidades de atuação, algumas palavras serviram como norte para as primeiras intenções: experiência, sentido, unidade, processo e criação.

Essas palavras, nesse contexto, ajudavam-me a dar contorno ao desafio de pensar a formação a partir de dentro, da experiência de encontros com e entre educadores no cotidiano da escola, considerando sua forma de viver e entender a relação com a aprendizagem e da possibilidade de reinventar os sentidos de aprender como ponto de partida para essa construção.

Ao escrever sobre “Ter uma experiência”, DEWEY (2010) ajudou-me a ampliar essa reflexão ao pensar a experiência como um fluxo que se estabelece entre o todo e a parte e que a composição que se dá a partir dessa mescla de experiências, amplia e potencializa cada parte justamente pela heterogeneidade presente nessa interação. Aponta, ao falar sobre as partes que, ao se fundirem para compor uma unidade, não desaparecem com essa fusão mas, ao contrário, distinguem-se em suas particularidades ao mesmo tempo em que contribuem para a recomposição do todo. Essa imagem aproxima-me da busca pela voz autora no contexto coletivo de construção. Nesse fluxo, todo e parte interferem e sofrem as interferências do meio à medida que vivenciam a experiência. Transformam-se, recompõe-

se, reconstituem-se continuamente, como no ciclo da vida. Distinguem-se e, nessa distinção, redimensionam também o todo.

Ao pensar a experiência de formação nessa perspectiva que possibilita a construção da unidade a partir da composição das partes, trago a intenção de ressaltar o encontro entre as experiências de vida e a relação com a aprendizagem a partir da troca, do confronto de ideias, da ampliação do olhar e da perspectiva de rede.

Para tanto, tornava-se pertinente iniciarmos essa busca pelo comum a partir das vozes individuais ecoando no contexto coletivo. Vozes que teriam espaço para declarar suas hipóteses sem o receio do “certo” ou “errado”.

Percebendo que o comum existente nesse grupo estava inicialmente definido pelo espaço e não pela experiência, precisávamos da experiência, das vozes, da escuta, para que encontrássemos a unidade que contribuiria para a construção da identidade desse coletivo.

Como nos diz BAUMAN (2009, p. 74 apud Foucault), ‘a identidade não é dada’, “nossas identidades [...] precisam ser criadas, tal como são criadas as obras de arte.”. Essa identidade coletiva precisaria ser criada, construída a cada dia, em meio ao trabalho, às trocas, ao acionar de saberes, da narração de histórias, da realização de pesquisa, da produção de uma obra de arte.

Tornava-se necessário refletir melhor sobre o que significava falar sobre arte e criação nesse contexto. Aos poucos, tornava-se evidente que perseguiria o processo, a experiência, as relações que emergiriam da/na ação coletiva e nesse percurso, as transformações próprias de quem se põe em movimento. Mas também buscava pela materialidade como possibilidade de colocar em jogo as representações e interpretações desse grupo, como possibilidade de encontro com outras linguagens e sua possibilidade de dizer-nos no que, por vezes, não sabemos estar em nós.

Para tanto, coloquei-me diante da arte como processo de criação, como defende Cecilia Almeida Salles (2013) ao relacionar a arte à ideia de inacabamento. Ao entender a criação como processo constante de transformação, reconhecemos o produto como parte desse movimento infundável de questionamento, de hipóteses, de renovação e de incertezas. Nesse processo entre pensar e produzir, acionamos saberes e redimensionamos nossa postura aprendiz. No exercício de representar o pensamento, também tornamos visíveis as aprendizagens e tornamos mais consistente a autoria. A medida que criamos e recriamos contextos e materiais, deparamo-nos constantemente com o novo e o renovo que o exercício criador possibilita.

Além disso, falar sobre a arte e a criação nessa perspectiva, significava falar sobre a experiência e o sentido, sobre a possibilidade de criar representações que nos aproximassem dos simbólicos, da essência, dos sentidos desse grupo nessa experiência humana de formação. Como nos diz DEWEY (2010);

A arte é uma qualidade que permeia a experiência; não é, a não ser em sentido figurado, a experiência em si. A experiência estética é sempre mais do que estética. Nela, um corpo de materiais e significados que em si não são estéticos torna-se estético, ao entrar em um movimento ordeiro e ritmado para a consumação. O material em si é largamente humano. [...] O material da experiência estética, por ser humano – humano em conexão com a natureza da qual faz parte -, é social. A experiência estética é uma manifestação, um registro e uma celebração da vida de uma civilização, um meio para promover seu desenvolvimento, e também o juízo supremo sobre a qualidade dessa civilização. Isso porque, embora ela seja produzida e desfrutada por indivíduos, esses indivíduos são como são, no conteúdo de sua experiência, por causa das culturas de que participam. (DEWEY, 2010, p. 551)

Em concordância com esse pensamento, coloquei-me a refletir sobre como possibilitar espaços para as produções que nos ajudasse a encontrar no produto, não a materialidade isolada que poderia trazer, mas a representação simbólica e significativa de um processo, de uma experiência estética, do humano, dos sentidos que resultaram na produção.

Diante dessas primeiras questões/reflexões, encontrei como contorno para pensar os caminhos com esse grupo, a palavra, a escuta, a construção do simbólico e a realização de pequenas produções como possibilidade de construção.

3.1 Entre as marcas de nossa história de formação e as potencialidades do grupo: Tecendo as possibilidades.

Considerando esses dois aspectos: A escola, sua história de formação, as possibilidades de reinvenção e o encontro com a autoria, propus aproximar-me dos possíveis encaminhamentos para o início do trabalho com as professoras da Vila do Aprender, a partir das experiências de partilha.

Para tecer os primeiros fios dessa urdidura, procurei compor os aspectos refletidos acima, considerando o reencontro com as histórias de formação como ponto de partida para a construção do espaço de diálogo, acreditando que, da palavra e da escuta, poderiam emergir o princípio do comum desse grupo.

Pensar na palavra como ponto de partida para essa experiência de formação, considerava o desafio que enfrentamos de expor a nossa palavra, nossas ideias, nossas dúvidas e o desafio de nos abirmos para a escuta “inteira”, livre da prontidão para uma resposta. Escuta que dá-se ao diálogo, ao questionamento, ao alargamento do pensar. Desafio que se fez presente também nas primeiras escutas do grupo.

É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.

[...]

Sua fala, por isso mesmo, se dá num espaço silenciado e não num espaço com ou em silêncio. (FREIRE, 2016 p. 113 e 114)

Minha hipótese era de que, ao construir uma relação de reconhecimento da importância de sua palavra e da do outro guardando na experiência de falar e ouvir, espaço para o acolhimento reflexivo à voz, proporcionando a abertura de fendas para o surgimento do diálogo, seria um passo importante para reverter esse espaço de silenciamento que se fez ao longo da experiência escolar e possibilitar a experiência do Encontro.

Esse encontro, a que me refiro, propõe a ideia de encontro como uma experiência que produz uma espécie de emoção que nos desconecta da necessidade de “respostas cognitivas” como aponta BOULTON-FUNK (2015, p. 11-12 apud O’SULLIVAN, 2006). O encontro, nessa perspectiva, possibilita ressignificar a relação com o conhecimento. Ao confrontar razão e emoção, distancia-nos da necessidade de busca por uma suposta lógica. Esse modo de entender o encontro, aproxima-nos do caráter afetivo, não racional, que ele desperta. Essa experiência, pelos atravessamentos que promove, aciona algo novo. Esse novo em nós, pode provocar potencial criador e pesquisador, além de deslocar as nossas percepções em torno do que é “novo” e também do que é familiar.²

Pensar o encontro nessa perspectiva, ampliou o olhar para os contextos dessa formação considerando o encontro com algo que está em nós, nas marcas de nossa história, na nossa identidade. O encontro com a própria voz a partir de experiências não normativas poderia redimensionar a relação com a aprendizagem, com a pesquisa, com a criação. Nesse contexto, tornou-se relevante iniciar as construções do grupo a partir da partilha das histórias de formação e de vida, da possibilidade do encontro, na perspectiva mencionada acima.

Investir na construção dessa narrativa como espaço provocador do encontro, aproximava-me da reflexão proposta por LARROSA (2015, p. 53) acerca da “viagem de formação”. Ao dialogar com Peter Handke, Larrosa nos convida a pensar a formação a partir

² Interpretação realizada a partir de tradução pessoal feita de trecho da seguinte tese de doutorado: BOULTON-FUNK, Adrienne. **An Arts-Based Methodology of Intuition: Secondary Visual Art Teacher Becomings and Encounters with Schooling**. The University of British Columbia, Vancouver, 2015. “For O’ Sullivan, the encounter draws on affect as a physiological response that precedes the mediated processes of language. This pre-cognitive sensorial process is produced through experience that neither affirms nor sustains normative understandings and emerges momentarily outside of discourse, offering a unique and temporal opportunity for the production of difference as new and creative thought.”

da imagem de uma “viagem exterior que se enlaça com a viagem interior”. Propõe-nos entender a formação considerando a construção de sentido que somente é possível no entrelaçamento entre o externo e o interno, entre o todo e a parte, entre o individual e o coletivo. Nesse contexto, somente é possível pensar a “experiência formativa” a partir de si, da descoberta da identidade, da percepção do modo como interpretamos o mundo. Ao dialogar com “os heróis de Handke”, Larrosa nos aproxima da compreensão de que para que a formação, a aprendizagem, ocorra, precisamos nos encontrar com nossa forma de ser, estar e interpretar o mundo, com nossa identidade, com a peculiaridade de cada um. Com o que está em nós e que colocamos em diálogo com o mundo ao vivenciarmos essa exposição.

Encontra-se nesse ponto um dos desafios e um dos investimentos dessa pesquisa: a busca por modos de narrar-se, de re-descobrir-se, de re-inventar-se nessa experiência de encontro. O encontro conosco e com nossa forma de apreender o mundo e construir conhecimento.

A busca pela própria palavra, portanto, tinha íntima relação com a identidade e com a capacidade de reinvenção de si.

Desse modo, pareceu relevante pensar a formação como investigação viva que considera a importância dos processos, da construção de sentidos, do conhecimento posto em rede e da criação de uma obra como experiência que ressignifica a aprendizagem ao encontrar na materialidade modos de representação do pensamento, dos processos e dos sentidos do grupo. Aspecto que DEWEY (2010) nos provoca a refletir ao falar sobre a experiência estética como possibilidade de trazer na materialidade a representação dos significados e dos valores vivenciados no processo.

A perspectiva de produzir coletivamente uma obra, também poderia deslocar-nos da experiência de reprodução que “a Escola e a sociedade pedagogizada”, como nos aponta RANCIÈRE (2015, p. 11), colocou diante de nós. A busca pelo ato criador, oferecia a

oportunidade de re-significar a experiência aprendiz, ao colocarmos em jogo nossos saberes pessoais na tentativa de representar o pensamento, as impressões, a compreensão.

Colocar em discussão o saber constituído no percurso de formação poderia ser um jeito de resistir à manutenção dessa distância que foi posta entre a escola e a vida, entre a reprodução e construção do saber. Pôr em jogo, as memórias em torno das experiências de aprendizagem, poderia contribuir para a emancipação que o encontro com a palavra autora, pode produzir.

Encontrei nesse grupo e nessa escola, tempo e espaço para me dedicar a essa investigação, considerando a experiência estética e a materialidade como possibilidade de representação do pensamento e construção de sentidos e significados a partir de uma produção coletiva que resulte da discussão, partilha, reencontro com as histórias de vida, construção de sentidos, pesquisa e criação.

Como disse acima, como ponto de partida, busquei pelo caminho de volta. O reencontro com as marcas da própria história, com as raízes, as identidades de cada uma. Procurei criar tempo e espaço para deixar emergir a voz de cada professora sem saber ao certo quais os ecos que essas vozes produziriam, mas com a perspectiva de, à partir delas, encontrar o comum desse grupo.

Expor-se, foi o primeiro desafio encontrado, provavelmente, em função da expectativa de encontrar um sentido prático para o que estava sendo proposto. Sentido que, supunham, seria dado na declaração do fim a ser alcançado após o percurso. Pediam pela resposta do mestre, mas não haviam ainda encontrado as perguntas para às quais gostariam de ter as respostas.

Com a expectativa de que as “respostas” viriam de fora, precisamos de tempo e propostas que ajudassem a trazer a voz desse coletivo.

Escolhi atentar-me às palavras, aos silêncios, aos gestos... Deter-me a esse grupo de modo a encontrar alguns de seus múltiplos, como aponta ALMEIDA (2010). Re-conhecendo cada sujeito, sua potência, suas marcas, sua voz, seu sabor e seu saber. Com escuta e olhar ativos, começamos a encontrar nossas palavras de chão, as experiências do corpo que foram sendo re-significadas nos diferentes corpos que compõem essa equipe.

Com essas primeiras reflexões, seguimos com o exercício da escuta de si e do outro. O reconhecimento dessa outra voz e a possibilidade de que ela componha com a nossa.

4. Palavras de chão, o chão da escola: O início dos encontros de formação de professores na Vila do Aprender

A reflexão sobre a escola e seu cenário cotidiano como potência de construção da autoria do professor, foi disparadora para essa experiência de formação que se fez dentro da escola Vila do Aprender, no encontro entre as professoras, entre elas e seus saberes, entre elas e suas experiências de mundo. O foco dessa investigação fez-se em torno das narrativas de professoras e da produção coletiva de uma obra como caminho possível para o reencontro com os saberes, com a potência criadora e com a voz autora de cada indivíduo e do grupo.

Esse modo de entender o percurso formador, considera o indivíduo e suas conexões com o outro e com o mundo, uma experiência que potencializa o processo aprendiz e altera a percepção para o entorno. Essa forma de se colocar em relação, potencializa a construção e reconstrução de significados em uma rede que se faz e se refaz ao nos colocarmos em contextos de escuta e de criação.

Cada um de nós ordena e nomeia aquilo que vê, que escuta e que toca por meio de um sistema próprio de significados. A percepção é um exercício de confronto entre diferentes sistemas e sentidos. Essas tensões produzem a necessidade da criação de um campo poético, no qual a visão de mundo particular de cada um pode se tornar questionável. Com a criação desse campo poético, o indivíduo pode tornar sua visão singular de mundo em potencialidade. (AMARAL, 2008 p. 46)

A hipótese de que o modo particular com que cada um percebe o mundo, posto em relação, potencializaria a construção de novos sentidos e significados no processo de formação das professoras, foi um dos aspectos que moveu-me a considerar contextos de partilha e de confronto de ideias como ponto de partida para esse projeto. Considerando que as marcas do percurso escolar poderia tê-las distanciado dos saberes da experiência e da voz própria, pareceu relevante iniciarmos essa investigação pelo reencontro com os sentidos de cada membro dessa equipe em torno de algo comum. Assim, lancei-me a essa experiência buscando pela identidade desse grupo a partir do olhar para a identidade da escola.

Na busca pelas percepções pessoais e pelas memórias, aproximamo-nos do nome e da identidade da Vila do Aprender, como disparador para essa construção, o primeiro divisor de águas nessa experiência de partilha e reconhecimento de si e do outro.

A que imagem a palavra Vila nos remete? – Perguntei.

Foi o olhar para “fora” que nos trouxe para “dentro”.

Eu não supunha que essa pergunta nos levaria para terrenos tão significativos.

Foi surpreendente o que essa palavra acionou de memória e de marca de experiência impressa no corpo de cada uma. A partilha das histórias pessoais de pessoas que até então, mal se conheciam, começou a abrir frestas para que pudéssemos adentrar esse universo tão amplo que é cada humano.

Tivemos o relato da professora que lembrou sobre sua infância na Vila Olímpia (bairro onde se situa a escola Vila do Aprender), sobre as brincadeiras nas ruas alagadas em dias de chuva, sobre as memórias dos encontros com os primos nesses momentos, sobre a fala da mãe preocupada com a brincadeira dos meninos...

Da outra que falava da Vila do Chaves e a experiência de assistir esse desenho com as crianças do bairro. O desejo de fazer parte daquela Vila e o modo como ela permeia seu imaginário...

Houve a que partilhou a experiência da infância mais dura vivida no interior do nordeste. Sem a televisão, sua Vila do Chaves era o quintal/rua/terreiro, que ocupava com os outros meninos e meninas... Os pés no chão, as brincadeiras, até os conflitos ganharam um novo sabor em sua memória...

Todas trouxeram em seus relatos a imagem de vila como lugar de encontro, a possibilidade de estar junto. Essas imagens inicialmente soltas, começaram a tecer um fio que nos aproximou da imagem da escola Vila do Aprender. Entendendo a Vila como lugar de encontro, tínhamos na identidade dessa escola o símbolo de lugar que proporciona encontros com a aprendizagem.

Com essa reflexão, lancei a pergunta:

Quais os espaços de vila que temos localizado nessa escola?

A imagem trazida em torno do nome Vila do Aprender, não era a mesma que traziam em torno da experiência que relatavam viver na escola. Colocavam na instituição a responsabilidade por não terem esse espaço de encontro no cotidiano. Queixavam-se da falta de tempo para discutirem ideias, para as negociações, para o planejamento do trabalho. Não enxergavam no cotidiano e na ação coletiva desse grupo, frestas para construir esse espaço de troca.

Diante dessa fala, perguntei sobre o que faziam para tentar modificar essa realidade e ouvi como resposta as justificativas que as impediam de agir quanto a isso: Os horários de intervalo eram usados para organizarem algo de seus grupos e não poderiam dispor desse tempo,

durante as aulas tinham que ficar o tempo todo com as crianças, os espaços não permitiam que reunissem duas turmas etc.

Sáímos da reunião com essa inquietação. Por um lado, a motivação que a imagem da vila proporcionou em cada uma de nós, por outro, a sensação de um tempo que as amarrava e as distanciava dessa possibilidade de encontro. Será que era isso?

Quinze dias mais tarde, em nosso próximo encontro, uma das professoras pediu para contar sobre uma experiência vivida com seu grupo e os demais. Ao produzir uma construção com caixas com seus alunos, combinaram de leva-la em cada sala para que todos os grupos pudessem intervir. Assim foi feito. Cada turma deixou sua marca nessa construção que, ao ser concluída com a participação de todos, passou a ocupar a entrada da escola, pois já não pertencia a uma única turma.

O que esse relato me deu a ver?

Não havia uma tarefa, sequer um pedido, para que fizessem algo com o que conversamos no encontro anterior. Ainda assim, algo foi acionado e mobilizou uma das professoras para essa troca com as demais. O contexto espontâneo de partilha, trouxe um novo sentido para estar junto no cotidiano da escola, junto aos alunos, em torno das aprendizagens de adultos e crianças, em torno da possibilidade de construir algo juntas. Criação e autoria.

Na ação de uma professora e na disponibilidade de todas as outras, rompemos uma pequena barreira, possibilitando as primeiras experiências de vila, de encontro, de troca, de construção, na Vila do Aprender.

4.1 O início da construção das narrativas do grupo de professoras

O exercício da busca pelo sentido da palavra Vila, trouxe imagens variadas para o centro de nossa roda. Fruto das diferentes interpretações, das vozes de cada uma que foram somadas

às vozes de seu passado/memória. Essas vozes, ressignificadas, possibilitaram novas escutas, novos sentidos. Algo que foi acionado de uma experiência pessoal em torno de algo comum ao grupo.

Esse encontro entre as vozes, provocou uma interrupção em relação à expectativa da construção de saber em um formato pré-concebido. Momentaneamente, entregaram-se às memórias e às narrativas, aos símbolos pessoais e aos novos símbolos que surgiram no entre lugar que se fez. Aproximaram-se de algo novo, provocado pela emoção e, esse novo, tornou-se potência de criação para o grupo em outro contexto, na experiência cotidiana, na sala de aula que fez-se plural.

Bem lentamente, as trocas vividas nesses encontros quinzenais, começaram a proporcionar alargamentos nas experiências cotidianas de troca. Sem qualquer imposição, pouco a pouco, romperam algumas fronteiras, re-criaram lugares de encontro com o outro e com a aprendizagem.

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. (BOSI, 1994, p. 407)

A hipótese de que o conhecimento e nossa identidade se constitui na relação e que ocupa um lugar dentro da gente, tornava-se cada vez mais consistente. Ganhava relevo nos relatos das professoras que começavam a acionar, umas às outras, nas ações que começavam a desenvolver coletivamente.

Essa movimentação ainda incipiente, não parecia ser tão visível ao grupo que, com naturalidade, começou a relatar algumas trocas sem destacar o quanto essa experiência era recente.

Em busca da possibilidade de ampliar essas imagens e as referências do grupo em torno das narrativas, das memórias e dos sentidos de seus integrantes, de oportunizar espaço de criação a partir de ideias inspiradas na conversa com outros, lancei uma proposta: No encontro

seguinte, cada professora deveria trazer um livro, uma poesia, uma música, a imagem de uma pintura ou escultura que tenha um significado especial. Apenas esse pedido, nenhum outro combinado foi feito.

Duas semanas mais tarde, cheguei mais cedo, como de costume e me dirigi ao local onde realizaríamos nosso encontro. Diferentemente das outras vezes, todas já estavam lá, organizando os espaços que contariam suas narrativas...

Em algum momento, umas das professoras propôs:

- Vamos preparar juntas a sala? Podemos organizar de acordo com o material e não com a pessoa.

E assim fizeram. Juntas, cuidaram daquele espaço que foi ganhando cor, forma, som, vida... história.

Mesas ocupadas com livros, com poesia, com imagens, com memórias...

Na sala, o som da música suave que tocava no aparelho, misturava-se às vozes das professoras que conversavam entre si sobre o desafio da escolha por esse ou aquele livro, música, pintura...

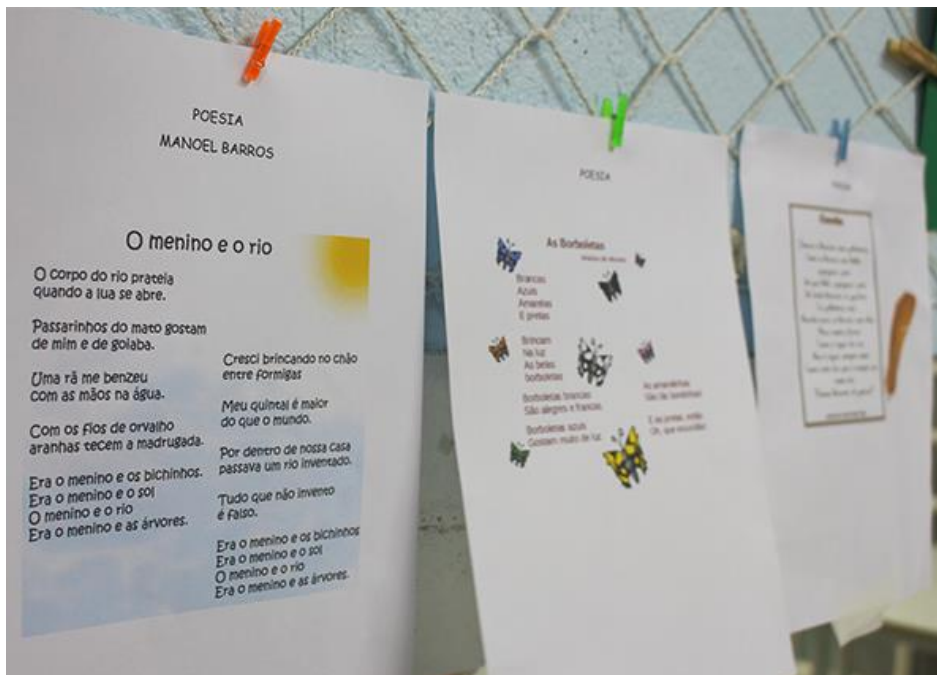


Figura 1. Imagem de parte da sala no dia da partilha de algumas referências das professoras. (Foto de Patricia Mochida)



Figura 2. Imagem de parte da sala no dia da partilha de algumas referências das professoras. (Foto de Patricia Mochida)



Figura 3: Imagem de parte da sala no dia da partilha de algumas referências das professoras. (Foto de Patricia Mochida)



Figura 4: Imagens e poemas trazidos, recompostos na roda durante a conversa. (Foto: Patricia Mochida)

Enquanto partilhavam e ampliavam suas referências, meus olhos admiravam aquela cena...

No horário marcado, reunimo-nos em torno das histórias de cada uma e do lanche que estava preparado para alimentar nosso corpo e nossa alma com tudo o que estava por vir.

Ali, sentadas, sem pressa, combinamos como seria nosso tempo e espaço de escuta do outro e de nossas histórias.

As vozes do grupo começaram a surgir... Primeiro, em torno das obras que escolheram para compor aquele cenário de troca, logo depois, a vida de cada uma foi dando novo sentido às músicas, às poesias, às imagens...

Emoções e sentidos importantes marcaram aquela noite...

...Da professora que, ainda menina, via o chão de terra de sua casa se encher de água em dias de chuva e se deixava misturar pelas palavras de Manoel de Barros contando de seu chão de infância...

... A que ouvia Arnaldo Antunes durante a gravidez e preparava sua casa, como na canção, enquanto esperava por sua menina...

... A que partilhou das pinturas que fez com suas próprias mãos e nos contou o quanto a arte plástica e o desenho, desde menina, foi um canal para curar suas dores e compreender o incompreensível do mundo que a habita...

... Da professora que, diante desse pedido para o encontro de formação, foi em busca das canções escritas e tocadas por seu pai que, quando vivo, fazia parte de um grupo. Nessas duas semanas de busca por sua história, reencontrou-se com o pai e promoveu o reencontro dele com a família...

Muitas lágrimas, sorrisos, olhares de acolhimento, gestos de companheirismo, marcaram aquela noite.



Figura 5. Professoras e eu em torno de nossas representações e de nossas palavras. (Foto: Patricia Mochida)

À medida que foram contando suas histórias, começaram a recuperar fragmentos que revelavam suas identidades. Marcas de vida que foram se costurando a partir das representações que compunham as narrativas de cada uma. Esse repertório pessoal, foi ganhando sentido em nosso pequeno coletivo, iniciando a construção do comum do grupo.

Ali, diante de nossas histórias, das emoções que provocavam em cada uma de nós e nas demais, nos tornamos mais humanas e sensíveis umas às outras.

Naquele momento, não havia o receio da partilha, não esperavam pela voz diretiva da professora, não importava qual o sentido útil daquela experiência. Pudemos nos expor. Falar e ouvir. Sentir e tocar. Admirar, trazer para perto, para dentro. Trouxeram o outro para o diálogo. Colocaram-se em relação, relacionaram também seus saberes. Nesse gesto de comoção, moveram-se com o outro.

Deixaram-se estar ali, juntas, entrelaçadas pelas histórias. Partidas e inteiras.

Ao partilharem músicas, poesias, imagens, histórias de livros, histórias da família... Aproximaram-se de suas vozes, suas identidades. Aproximaram-se de quem são e das marcas que as constituíram.

O encontro em torno de algo inicialmente individual, começou a abrir fresta para a construção do comum; lugar de troca e encontro com a própria palavra e a do outro, como nos diz LARROSA (2014, p. 70 apud Miguel Morey): “Pensar se parece muito com conversar consigo mesmo. Talvez por isso conversar – não dialogar nem debater, conversar – se parece tanto com pensar em comum.”.

Conversar sobre essas experiências, sobre suas memórias assemelha-se a ideia de versar com, versar com o outro sobre as marcas de sua/minha/nossa história. Em meio a essa possibilidade de versar, principiamos nossa construção. Os simbólicos, as imagens que começaram com a identidade da escola, com a imagem da palavra vila como ideia de encontro, agora, com as marcas das histórias de cada uma interligadas com a arte expressa em suas diferentes linguagens e os sentidos que foram constituindo na experiência do grupo e de cada membro que o compõe, foram alicerçando a construção desse coletivo no encontro com a aprendizagem entrelaçada às histórias de vida.

Em torno das narrativas pessoais, foram construindo espaço de identificação e de identidade. Reconhecendo-se na voz das colegas, conectando memórias pessoais a memórias coletivas, começaram a construir um entre-lugar, uma relação entre vida e obra, entre experiência e conhecimento, entre palavra e sentido.

4.2 Outros encontros, outras palavras, novas ampliações.

Nesse caminho, tecendo as experiências com as professoras, buscando a construção do comum, aproximamo-nos da experiência de partilha como um caminho de vida, de pesquisa e de aprendizagem, falamos a partir de nós, de nossas percepções e apreensões do mundo.

O diálogo posto entre as nossas palavras e as palavras/imagens/sons produzidas por outros, artistas que tiveram sua obra ressignificada em nossa experiência, possibilitou o início da construção de uma rede que ampliava nossas relações com o mundo e com os sentidos que foram ganhando a medida que nos aproximamos dele.

SALLES (2013), defende que o ato criador e a possibilidade de apreender o mundo ao colocar-se sensível diante dele, oportuniza tanto a construção de novos sentidos e significados, quanto a ampliação de informações e recursos que constituem novas aprendizagens. Razão e emoção confrontam-se e conectam-se durante a criação, deslocando constantemente o olhar e os modos de interpretar o mundo. Tais processos possibilitam a transformação da compreensão acerca do mundo exterior assim como também altera a compreensão de si.

Inspirada pelo pensamento de SALLES (2013) ao falar sobre os processos como possibilidade de criação, conhecimento do mundo e conhecimento de si, propus a ampliação dessa experiência de apreensão do mundo oportunizando a expansão de nossas redes de troca e partilha de sentidos.

A composição dos diferentes olhares foi o primeiro passo para essa ampliação. Com a hipótese de que ao se colocar com o outro, amplia-se o olhar, as referências, as possibilidades. Oportuniza-se nessa troca, o surgimento de um terceiro lugar. Cria-se um novo olhar, uma nova percepção a partir do deslocamento que essa integração nos provoca. Acessamos e confrontamos, por meio dessa experiência, o antigo e o novo, o supostamente conhecido e o desconhecido, o eu e o outro. Possibilitamos um religar de olhares, pensamentos e intensões.

Ao nos colocarmos nessa fronteira, nos aproximamos de um espaço intermediário, como nos propõe IRWIN (2008, p. 97). Segundo a autora, em experiências de “criação e recriação da vida”, oportunizamos a aquisição de novos conhecimentos ao colocarmos diferentes saberes em relação. Esse contexto, nos coloca na fronteira, chama-nos a olhar novamente, re-aprender, re-fazer, re-pensar nossas certezas, nosso modo de ser e estar no mundo, com o outro, diante da aprendizagem. Trata-se de tatear o mundo com todos os sentidos, com diferentes linguagens de com-por, por-se junto, na/em relação.

Com essa imagem, começamos a buscar aquilo que nos entre-laçava, o entre lugar que nasceria no encontro e no confronto, entre o eu e o outro, entre o interno e o externo, entre o individual e o coletivo...

Deixar vir na voz e na palavra falada as impressões sobre o mundo e o conhecimento, tem sido um passo importante para a construção da palavra autora, escrita de um novo lugar, com nova consistência.

A experiência de partilha das histórias de cada uma na relação com as imagens, os textos, as canções, as esculturas etc., trazidas pelo grupo, aproximou-nos da fronteira que nos aponta Rita Irwin, colocou-nos a repensar nossos próprios processos a partir da escuta e da experiência do outro.

Esse entrecortar de olhares e fronteiras, a possibilidade de religar o que está dentro e o que está fora, criou espaços para começarmos a re-pensar, re-significar, re-encontrar... papeis, caminhos, sentidos, aprendizagens...

Após as trocas entre o grupo, com a intenção de alargar as fronteiras e as possibilidades de composição de olhares, após o encontro com as histórias de cada uma, propus dois momentos de formação com a participação de artistas convidados. O músico, Irajá Menezes e a fotógrafa, Carla Zavatieri.

De que lugar esse encontro com o externo atravessaria o interno? Quais as conexões que provocariam? De que forma essa experiência nos colocaria a re-pensar, re-aprender? Como possibilitaria que tateássemos nossas percepções de mundo?

Esses encontros, inicialmente, colocaram as professoras diante da memória do papel de alunas-ouvintes à espera da palavra do mestre. Aparentemente distantes da experiência, buscavam pelas respostas que o “especialista” poderia trazer.

Durante a reunião, pouco falaram.

Ao avaliarmos os encontros, algumas falas revelaram a expectativa por um encaminhamento mais diretivo, uma receita a seguir:

- Senti falta de dicas para trabalharmos a música e a fotografia em sala de aula.

Essa foi uma colocação comum a boa parte do grupo que, novamente na posição de aluno, buscou pela palavra de direção que apontaria para algo quase concretamente aproveitável, útil.

A partir da vivência com os convidados e da fala das professoras, procurei retirar as camadas desse discurso. Seguimos com a perspectiva da escuta e da potência da palavra do grupo. Com a possibilidade de encontrarem novas relações e saberes a partir dessa reflexão coletiva.

- Do que vimos e ouvimos nos encontros com Irajá Menezes e Carla Zavatieri, que aproximações podemos fazer com experiências anteriores? – Perguntei.

Diante dessa questão, levantamos palavras, gestos, imagens, sons... que cada uma colocou em relevo, relacionando suas percepções às linguagens que foram trazidas.

Essa aproximação, não tinha a intenção de criar possibilidades para trabalhar com os alunos, como disseram inicialmente, mas para pensar em campos de aproximações, em relações que foram possíveis a partir do vivido, em como os recortes trazidos revelam aprendizagens e saberes que são acionados e alargados a cada fronteira que rompem.

Esse exercício de encontrar nas palavras (faladas e escritas), nas imagens, nos sons e nos gestos trazidos, referências pessoais, possibilitou a aproximação entre as diferentes leituras do grupo, as interpretações que fazem a partir de suas experiências pessoais na relação com o mundo e com a cultura. Identidade. Identidades.

Também ampliação das percepções sobre seus saberes e a possibilidade de não se deter na primeira mirada. Ao contrário, tentar trazer para dentro, encontrar conexões, retirar as camadas.

Segundo FREIRE (2016, p. 86): “Um dos saberes fundamentais à minha prática educativo-crítica é o que me adverte a necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade-epistemológica.”. O apontamento de Paulo Freire ajudou-me a refletir sobre os caminhos possíveis para oportunizar essa promoção que, nessa situação, estava mais especificamente vinculada à condição de acionarem os saberes que tinham acerca dos assuntos trazidos e os reposicionarem ampliando a reflexão e a consistência posta nos conhecimentos que fossem colocados em jogo. Esse é um exercício ao qual pouco fomos expostos em nossa história de formação e necessitam de investimento para que sejam naturalizados em nossas experiências.

A provocação realizada em torno das aproximações do grupo acerca das referências trazidas pelos artistas, resultou em uma pequena ampliação do olhar. Levantamos juntas, oralmente, as percepções que revelaram. Entre os apontamentos, falaram sobre aproximações com uma Língua estrangeira, sobre a leitura dos gestos e expressões do dançarino, levantaram hipóteses sobre diferentes ritmos e a reação espontânea do corpo, questionaram aspectos políticos e religiosos a partir da fotografia trazida por Carla Zavatieri etc.

Ao final dessa conversa/reflexão, localizamos algumas das conexões que fizeram, os saberes que acionaram, as relações que estabeleceram... Falamos sobre o princípio da aprendizagem, sobre as relações, sobre os sentidos, sobre signos e interpretação. Ao realizarmos essa “leitura” posterior, colocamos palavra, voz, saber e sabor nos encontros que, até então, pareciam não ter provocado atravessamentos.

Esse foi nosso último encontro de formação do primeiro semestre de 2016. Encontro que nos preparava para as marcas do registro, da palavra escrita como lugar de representação do pensamento. Assim, antes de sua conclusão, deixei o pedido para a escrita de uma avaliação do percurso. Nada muito direcionado, apenas a solicitação de que registrassem as marcas dessa experiência pensando nos sentidos e nas aprendizagens desse período. As primeiras palavras-texto que declarariam a voz dos indivíduos que compõem esse coletivo.

4.3 Os primeiros registros do grupo

No prazo acordado, recebi os textos. As vozes de cada membro desse coletivo.

O destaque para o prazo, aponta para uma transformação. No início desse percurso, por vezes, solicitei registros que não foram entregues ou somente chegaram após uma “cobrança”. Essa mudança de postura, o comprometimento com o envio e o formato dos registros, fizeram-me crer que haviam atribuído um sentido particular a esse ato de por em texto os pensamentos nesse momento. Talvez, não mais por um compromisso com o outro externo, mas por um compromisso consigo e com a sua palavra.

Os registros, falavam de emoção, de experiência e de saberes. Começaram a estabelecer, acredito, de forma mais consciente a relação entre a experiência e o conhecimento. Relacionaram as experiências com alguns autores. Fizeram algumas conexões entre a teoria e a prática.

No retorno das férias, em nosso primeiro encontro, com a autorização do grupo, li em voz alta, as palavras escritas, os saberes impressos e expressos nas cartas/avaliações que me foram enviadas.

Abaixo, o registro das avaliações escritas pelas professoras em agosto de 2016.

“Nossos encontros ampliaram o meu repertório e encheram a minha sacolinha. Como você diz estas experiências são únicas e cada uma leva para si. Os encontros que ficaram mais marcantes foram o primeiro e o último. Dos profissionais que vieram esperava algo mais com a nossa prática.

(...) Só tenho a agradecer você e a direção da escola, Rose e Rosália, pela oportunidade que nos dão de fazerem estes cursos na Vila pensando na formação dos profissionais.”

(Adriana)

“O nosso primeiro encontro, foi uma experiência que me marcou profundamente. Este poema me fez resgatar aquela menina que gostava tanto de poesias, de pequenos versos, e que

tinha um caderno velho cheio de inspirações, com algumas páginas marcadas com o barro vermelho do Nordeste. Essa era eu!

Foi com esta pergunta que finalizei o meu relato no nosso primeiro encontro. Onde foi parar aquela menina? Em que momento ela se distanciou, ou se perdeu? Acredito que pensar na infância é nunca esquecer o que você foi um dia. É nunca esquecer suas raízes para não se perder.

Os nossos encontros de certa forma, contribuíram para minhas dúvidas, reflexões, aprendizagens e, o mais importante, o despertar para o eu e o outro. A cada vivência partilhada em nossos encontros, uma marca ficou registrada que me faz refletir pensando em minhas aulas. Que marca que deixei nos meus alunos? Como eles saíram daqui hoje?

O nosso último encontro foi bem dinâmico e construtivo, acredito eu. Acho que seria bem interessante se tivesse a possibilidade de fazermos essas trocas de forma mais dinâmica. (só uma dica).

Enfim...

Fechamos nosso semestre com chave de ouro. Que bacana essa troca com o outro. E como as relações com o outro nos faz bem, como pessoa, como amigos e profissionais. Tenho certeza que esses encontros, essa troca de experiências, esses diálogos vão contribuir cada vez mais na relação com o outro no nosso cotidiano, refletindo assim, em nossa prática no dia a dia com os nossos alunos. Afinal de contas é por nós e por eles que fazemos essas trocas.”

(Alais)

“Quanto aos encontros com o grupo, infelizmente por motivos familiares me ausentei em dois dias, o que dificulta um pouco a devolutiva. Mas penso que seria mais produtivo momentos como o do último encontro, não somente com as professoras compartilhando experiências, mas que os convidados também tivessem a prática como parte do encontro.

Como psicomotricista acredito que o “ouvir” atrelado ao “fazer” sempre nos atravessa mais, afinal, muito do que ouvimos um dia podemos esquecer, mas o que vivenciamos corporalmente sempre ficará em nós.”

(Aline)

“Os encontros em grupo contribuíram sim para ressignificar saberes construídos anteriormente e modificaram o meu modo de olhar para algumas pessoas.

O dia que tínhamos que levar para o encontro: um livro marcante na nossa vida, uma música que gostamos, uma poesia e uma obra de artes que mais apreciamos, foi muito emocionante!! Pois foi gostoso ouvir o relato de todas as professoras, seu e da Rose. Foram interessantes, ricos e carregados de emoção e amor. O que me marcou foi a história contada pela professora Alais sobre sua infância e o relato da Adriana sobre o pai músico.

No encontro com o Irajá achei bastante interessante aquele vídeo que ele passou do cantor na praia e que ganhou um programa americano. Mostra que precisamos acima de tudo acreditar em nós mesmos, nos nossos sonhos individuais e compartilhados.

No encontro com a Carla, achei bem importante pensar na fotografia como uma das formas de registro dos alunos. Pensar que quando fotografo outra pessoa, devo refletir sobre a cena, o que o outro quer me mostrar, o que ele está me passando com aquela expressão do seu rosto.

Nosso último encontro do semestre foi carregado de emoções.

Esse espaço de formação serve com certeza para ampliarmos ainda mais nossos conhecimentos enquanto educadoras, para trocarmos informações, estudarmos sobre Currículo, partilharmos experiências, vivências, saberes sobre Educação. Percebo que nosso grupo é unido e forte, também graças a esses riquíssimos e deliciosos encontros.”

(Ana Claudia)

“Para mim valeu muito para ressignificar algumas coisas como por exemplo no encontro da Carla, pude rever uma paixão antiga que é a fotografia. Acho que o foco dos nossos encontros com os convidados, poderia dar maior ênfase a nossa prática em sala de aula, senti falta de dicas da Carla por exemplo de como ter um olhar para uma cena ou uma foto dos nossos pequenos em geral. Quanto ao encontro do Irajá simplesmente AMEI! Fiquei encantada com o olhar dele sobre as coisas!

Na minha opinião esses espaços de formação são muito construtivos, temos a oportunidade de nos conhecer melhor, colocar-se na posição de ouvintes, escutando o outro e também o trabalho das nossas parceiras. Acho fantástica essa ideia de compartilhar com os todos nossos projetos, trabalhos além de nos aproximar, como amigas.

Encerro o semestre, feliz em fazer parte desse grupo e da Vila do Aprender, sinto-me acolhida e parte dessa família.”

(Carla Mauro)

“Ao me encontrar com os outros, encontrei a mim mesma, desconstruindo o construído e reavaliando valores e ideias.

É preciso avaliar os posicionamentos e ancorar novos conceitos que acolham novos comportamentos. É fundamental ilustrar a diferença que queremos perceber ao nosso entorno.

É possível, ao se deparar com momentos como esses, perceber o quanto podemos aprender, avançar e progredir. Aprender com o outro é tão fundamental quanto aprender com os livros. Nesses encontros eu aprendi ainda mais a ouvir. Ouvir com atenção e empenho, o que refletiu diretamente em sala de aula. Não que antes não acontecesse, mas percebo uma consciência maior, uma vontade e determinação em ouvir. E isso me fez uma pessoa melhor e acredito que uma educadora melhor.

Ao me colocar como ouvinte, constatei o quanto aprendo com meus alunos diariamente e me sinto orgulhosa ao perceber o quanto aprendi.

A ênfase em aprender também faz parte desse texto, repetidas vezes, aprendi tanto que peço uma licença poética para repetir tantas vezes.

Ao finalizar o semestre me sinto feliz e realizada, mas não com a sensação de trabalho encerrado, mas a espera de um porvir. Percebo o quanto eu amadureci e cresci, o quanto meus alunos também aprenderam e quanto minhas práticas foram aprimoradas. Devo ressaltar que hoje me sinto segura ao intervir com qualquer criança de qualquer grupo, pois sinto que falamos a mesma linguagem e que todas buscamos uma formação completa, mas com a consciência de que sempre falta algo.

Para encerrar...

O jardim ou o jardineiro?

Rubem Alves

O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem

jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem.”

(Carla Barbieri)

“Final do semestre, hora de avaliar, mas principalmente de reconhecer e agradecer por tudo o que foi construído e compartilhado dentro do nosso grupo.

Para não me alongar muito (posso escrever páginas e páginas. rs), tentarei me orientar pelo percurso.

Achei muito interessantes as propostas feitas pelos convidados Irajá e Carla, que nos fizeram refletir sobre assuntos diferenciados, contudo penso que eles poderiam ter costurado melhor os conteúdos expostos com nossas práticas. Quem sabe focando em ações para o nosso dia a dia escolar. Ex: exercícios de música e possíveis repertórios, como fazer um bom registro fotográfico e o que devo enquadrar durante este registro (que lugar é este? Quem está nele? O que estão fazendo? Detalhes, etc.)

Nosso primeiro encontro foi sem dúvidas o mais significativo e nos ajudou a estabelecer um vínculo e uma proximidade que antes não existia. Foi tão significativo que me inspirou ideias para o projeto do 1º semestre junto às crianças.

Ainda gostaria de sugerir que para o próximo semestre houvesse um espaço em que as próprias educadoras da Vila do Aprender pudessem indicar material para estudo e propor atividades, estabelecendo assim uma troca com pessoas que de fato conhecem a escola e suas necessidades.

Realmente acho válido trazer pessoas de fora para enriquecer o nosso olhar, mas penso que o oposto ajudaria a fortalecer o vínculo dentro do grupo, e trazer a luz os potenciais que esta escola já possui, e que não são poucos.

É isso. Gratidão pela oportunidade e por todo o aprendizado que nos possibilitou.”

(Kátia)

A reação do grupo diante da escuta?

Surpresa! Encantamento! Reconhecimento!

- Fomos nós que escrevemos tudo isso!? – Perguntaram/exclamaram.

O reconhecimento do valor de suas escritas, tornou-se maior do que o receio e a dor de “ter” que escrever. Ao se depararem com suas palavras, encontraram-se também com sua potência de criação e com seus conhecimentos.

Seria preciso ouvir-se fora de si para saber-se capaz?

Desacreditadas e encantadas com o valor de suas palavras/reflexões/saberes, houve quem chorou, houve quem ficou em silêncio, houve quem se sentiu motivada a propor:

- Nós também temos nossas pesquisas, estudos em diferentes áreas. Eu estudo arte terapia. Ela tem um lindo trabalho com psicomotricidade. Ela escreve. Ela gosta de fotografia. Poderíamos assumir a formação de alguns encontros. O que acham?

Os olhos e os sorrisos pareciam concordar com a colega, mas a voz disse outra coisa:

- Acho que ainda não estamos prontas. Disseram.

No meu olhar... elas só não sabiam que estavam.

4.4 Outras palavras: novas produções

Voltei para casa naquela noite, refletindo sobre o que estaria nas entrelinhas desse pedido/desejo de exposição que o assumir da própria voz nos traz?

As palavras da professora foram para mim como lampejos de luz, ou ruídos sonoros que apontavam para o desejo de fala.

Perguntava-me se o reencontro com os fragmentos de suas histórias e o princípio da construção dessa narrativa havia provocado esse quase impulso de se colocar a partir do seu saber. Era uma hipótese.

O fato?

A manifestação do desejo de exposição e autoria.

Essa manifestação, aproximava-me do pensamento de IRWIN (2008, p. 97), ao dizer que: “Aqueles que vivem nas fronteiras da a/r/t reconhecem a vitalidade de viver num espaço intermediário. Eles reconhecem que arte, pesquisa e ensino, não são feitos, mas vividos.”. A proposta da professora a colocava nessa fronteira e também diante do reconhecimento de que sua voz e autoria se fariam mais fortes e inteiras no exercício de criar formas para colocar sua pesquisa em movimento.

Considerando a potência de ocupar esse espaço intermediário para essa construção, oferecendo escuta e ação às palavras de coragem da professora que gostaria que cada uma assumisse um encontro e, criando espaço para que a experiência autora ganhasse outros lugares, propus que, em dupla, escolhessem uma ou mais linguagens para propor uma ação com e para o grupo em nossa próxima reunião. Sem muitas orientações e com a abertura suficiente para elegerem os recortes que julgassem pertinentes, despedimo-nos.

A experiência de selecionar um tema, pensar uma ação, escolher os elementos a serem utilizados etc., possibilitou que lidassem com a necessidade de negociar, posicionar-se, confrontar ideias, acionar saberes, compor olhares, reinventar caminhos...

O que fazer? Com que intenção? Ancorada em que experiência anterior?

Algumas das questões que poderiam orientar esse processo de escolha.

No dia da partilha, expectativa, ansiedade para “dar” e “receber”.

Três duplas escolheram diferentes linguagens para propor uma experiência que envolveria uma produção.

Essa experiência nos aproximava da integração das identidades de artistas-professores-pesquisadores, como reflete IRWIN (2008). Ao planejarem uma ação, acessaram seus saberes junto com outros, refletiram sobre as possibilidades e criaram contextos de experiência, resignificaram seus saberes, entrelaçaram pensamentos, acionaram emoções, redimensionaram ações. Interligaram “intelecto, sentimento e prática.”.

Para organizarmos minimamente os contornos dessa experiência, estruturamos uma ordem para as proposições.

Iniciamos com uma dança coletiva que envolvia dança e grafia. A proposta de mover-se e deixar a marca desse movimento em um papel preso na parede, teve como principal desafio fazer mover nossos corpos. No princípio, a resistência provocada por uma vida pouco exposta ao movimento dançante em um contexto de exposição.

“Eu não sei dançar!” – Alguém logo anunciou.

Com passos bem lentos, começamos a nos soltar das amarras. Bem aos poucos, o receio da exposição, começou a dividir espaço com o desejo de se render ao corpo que, provocado pelo som, teimava em mover-se. Por fim, o pedido de que congelássemos um movimento juntas. E, na parede, o traço que, de algum modo, também congelava a marca desse processo.



Figura 6: Início da grafia do movimento. (Foto: Patricia Mochida)



Figura 7: Continuação das marcas do movimento. (Foto: Patricia Mochida)



Figura 8: Resultado da grafia do processo. (Foto: Patricia Mochida)

Um instante, e outra estação se fez como lugar de experiência. Dessa vez, papéis variados, tinta, canetinha, giz... materiais que nos ajudariam a deixar marcas no papel. Representação de pensamentos e/ou emoções.

O desafio de começar fez-se novamente presente.

A tensão diante da expectativa pessoal de que há um certo a ser feito.

“Eu não sei desenhar!” – Palavras que, mais uma vez, revelavam as marcas de nossa história de opressão, de um olhar para o ensino que busca pelo “certo” sempre como palavra singular, como caminho único.

Aos poucos, começamos a dar contorno para os pensamentos, deixamos emergir o possível nesse registro-imagem que foi surgindo.



Figura 9: O começo... Materiais. (Foto: Patricia Mochida)



Figura 10: Processo. Produção. (Foto: Patricia Mochida)

Por fim, outra dupla, dessa vez, com mais leveza, nos colocamos diante da experiência de produção.

Uma das professoras trouxe os materiais – giz de cera, potinhos, glitter, lantejoulas, velas coloridas etc. -. Em roda, observamos e ouvimos as orientações para a produção de nossas pequenas luminárias.



Figura 11: Escolha do material para o preparo das luminárias. (Foto: Patricia Mochida)

Em seguida, com as luzes apagadas, as velas acesas e uma música bem tranquila ao fundo, nos detivemos à proposta. Derretemos as velas coloridas e acrescentamos, de acordo com nossa escolha, os itens disponíveis para essa produção.



Figura 12: Processo de produção das luminárias. (Foto: Patricia Mochida)

Entregues à experiência, produzimos em silêncio nossa arte. Experimentamos variações e vimos nascer nossa produção.

Ao final, orientadas pela professora, descobrimos uma técnica para desenformar a base feita com vela.



Foto 13: Produto. (Foto: Patricia Mochida)

A satisfação diante da materialidade que trazia marcas do processo, fez-se presente.

Enquanto falavam, relacionavam a sensação vivenciada durante a produção, às propostas realizadas com as crianças. Compararam os contextos, falaram de adaptações que poderiam fazer para propor aos seus grupos, fizeram conexões entre suas experiências de formação e o papel de professoras.

Ao observá-las nesse contexto, chamou minha atenção o modo como puderam realizar uma ação tão presente no cotidiano do professor, com o olhar tão transformado. Uma experiência que as aproxima de um espaço intermediário, de re-invenção e re-descoberta e da experiência aprendiz. Reencontraram-se com propostas anteriores de forma renovada, possibilitando novos sentidos e construindo significado.

A variedade de saberes impressa nesse grupo e a potência criativa que possibilitou a reinvenção dos conhecimentos, aproxima-nos do que diz KASTRUP (2007) ao falar sobre a aprendizagem e o processo aprendiz. Nessa perspectiva, falamos da criatividade como inteligência, como apropriação e possibilidade transformadora. Aquele que recria, coloca em movimento seus saberes transformando-os e resignificando-os constantemente. Em seu

processo de reinterpretação, encontra a consistência e o aprofundamento do que, anteriormente, poderia ser um saber da superfície.

Entendo que a arte e a experiência são a fresta que nos possibilita esse encontro com o novo em nós e considerando, como nos diz MASSCHELEIN E SIMONS (2014, p. 43) que “a escola não é um campo de treinamento para aprendizes, mas o lugar onde algo [...] realmente se torna separado de seu próprio uso e, portanto, também se torna separado da função e significado que ligam aquele algo à família ou à sociedade.”. Ao trazer algo para o jogo, ao transformar esse algo em foco de investigação a fim de se aprofundar em alguma coisa como um objeto de prática e de estudo; distanciamos-nos da experiência com o intuito de interpretá-la, de colocar em relevo as percepções acerca de nossas aprendizagens.

A reflexão acerca desses encontros, acerca do que nos aconteceu como experiência, fez emergir a percepção de que as referências teóricas e as experiências de vida foram compondo o olhar de cada uma e possibilitando que colocassem em jogo seus saberes. Observaram que, as experiências pessoais, ao serem recuperadas de forma consciente com a intenção de planejar uma ação formativa, foram ressignificadas e deixaram de ocupar “apenas” o espaço de memória para ocuparem também lugar de estudo e de aprendizagem. Saber que foi se transformando em conhecimento à medida que passou a ser discutido com e no grupo. Por ser constituído em um terreno que envolvia a experiência e a criação, tal conhecimento ganhou novo significado e consistência.

Esse processo tornou visível a relação entre os sentidos e a experiência, como nos dizem abaixo, DALHERG, MOSS E PENCE.

O significado não provém apenas do ver ou observar; ‘o significado (não está) repousando na natureza, esperando ser captado pelos sentidos – ao contrário, ele é construído. É produzido em atos de interpretação’ (Steedman, 1991). Quando você documenta, você constrói uma relação cujas palavras e cujas ações você documenta. Nesse aspecto, a prática da documentação não pode, de modo algum, existir à parte do nosso envolvimento no processo. (G.DALHERG, P. MOSS E A. PENCE, 2003, p.193)

No exercício de encontrarmos a teoria presente em nosso fazer e de experimentarmos diferentes modos de narrarmos nossas experiências, começamos a olhar mais de perto para as vivências e produções realizadas na sala de aula. Buscamos pelo significado em nossos gestos de interpretação e construção de narrativas.

Nos dois encontros que seguiram, propus que três professoras partilhassem com o grupo recortes de seu projeto com os alunos, enquanto as demais ouviriam. Então, no encontro seguinte, inverteriam os papéis.

Para essa partilha, precisariam olhar de forma mais ampla para as propostas realizadas com seus grupos, mapearem as relevâncias, selecionarem os recortes que poderiam aproximar do processo e construir uma narrativa que nos aproximaria do trabalho. Realizariam um estudo da documentação combinando processos e produtos.

As ouvintes ativas, assumiriam a missão de selecionar recortes que colocariam em relevo os aspectos que chamaram a atenção sobre o trabalho realizado. Para isso, escolheriam linguagens que ajudariam a contar desse olhar/interpretação; imagens, texto, vídeos... No encontro seguinte, partilhariam um painel com a composição desses recortes.

O primeiro desafio: o receio da exposição.

A sensação de ser avaliada em seu fazer, provavelmente, acionou a memória dessa busca pelo certo.

Voz trêmula, aparente insegurança diante da escuta do outro. O medo do julgamento.

- Eu não sei se está certo. – Faziam questão de dizer.

Durante a partilha, aos poucos, o certo e o errado, foi dando lugar à satisfação de ouvir os apontamentos sobre o valor da proposta. Encantavam-se ao encontrar no olhar da professora, nesse caso, eu, as outras vozes que compunham com as experiências que elas estavam trazendo.

Logo ao final de cada partilha, fiz rápidas e pequenas devolutivas apontando a potência do trabalho e conectando alguns aspectos ao pensamento de teóricos que estiveram conosco nessa caminhada como, Stela Barbieri, Jorge Larrosa, Jan Masschelein, Mirian Celeste, Miró, Alexander Calder, Ivan Cruz...

Perceber a presença dessas outras vozes em suas ações, foi conferindo confiança e soltura à voz das professoras que, pouco a pouco, colocavam-se mais firmes ao contar sobre suas experiências e declarar suas intenções.

O segundo desafio? A escuta ativa e entregue, liberta das antecipações.

O compromisso de falar do seu trabalho mostrou-se mais presente do que o de fazer a devolutiva para o grupo. Apenas uma enviou o material. O que dificultou os encaminhamentos previstos com relação à palavra, a interpretação e a produção. Mas permitiu a leitura para a fragilidade desse aspecto da exposição: construir sentido para a palavra do outro ou se expor colocando-se sobre a palavra do outro. Algo que não consegui avaliar pela falta de elementos.

Porém, individualmente, ficaram mexidas com a proposta, moveram-se no desejo de olhar com mais propriedade para o que fazem e o modo como estão declarando suas ações e intenções junto aos alunos.

Quase ao final dessa etapa do processo, uma surpresa: Após selecionar imagens que colocavam em relevo o trabalho com as crianças, uma das professoras, me enviou, espontaneamente, uma reflexão escrita sobre a fotografia no seu trabalho e uma imagem de sua sala de aula.

“REGISTRO FOTOGRÁFICO:

Uma nova reflexão a cada olhar!

Por Alais Xavier (uma das professoras da equipe)

“Vea Vecchi, atelierista de Reggio Emilia, acredita que toda a documentação – as descrições escritas, as transcrições das palavras das crianças, as fotografias e vídeos – tornam-se uma fonte indispensável de materiais que usamos todos os dias, para sermos capazes de “ler” e refletir, tanto individual quanto coletivamente, sobre a experiência que estamos vivendo, sobre o projeto que estamos explorando. É a partir dessa leitura e reflexão frequente que nos tornamos capazes de construir teorias e hipóteses que nascem de fato do que aconteceu significativamente para as crianças.”

Reverendo estas imagens do encontro anterior eu pude perceber, o quanto é fascinante essa troca de experiência com o outro. Parar para ouvir, olhar e se encantar com os relatos.

As imagens nos revelam expressões de alegria, “desagrados” gestos e olhares atentos e curiosos para o que está sendo compartilhado. (desagrado: Quando a Carla Mauro relatou sobre os alimentos saudáveis: brigadeiro de inhame. Algumas pessoas não gostaram)

As imagens também nos contam histórias e fazem o resgate de memórias do que já foi vivido e experimentado. Despertando olhares de ternura transmitindo essa sensibilidade ao apreciarmos o que está sendo compartilhado. Como no momento que a Júlia desperta o olhar de encantamento ao compartilhar conosco seu final de semana com o mascote, mostrando ao relatar com propriedade o quanto foi significativo essa vivência.

As expressões de encantamento quando a Carla relatou o quanto os alunos vêm aceitando e experimentando alimentos saudáveis. É nítida a emoção e a alegria que todas relatam sobre o desenvolvimento do projeto e o retorno que os pequenos vêm transmitindo.

Refletido sobre os registros fotográficos eu pude perceber o quanto é importante para a criança ter contato com as imagens delas em atividades na sala de aula. Para que elas possam fazer sua própria leitura sobre suas vivências e experiências. Desta forma estamos possibilitando que elas ampliem suas capacidades de leitura de imagem. Resgatando as memórias do que já foi vivido e experimentado.

Eu pude observar também que as crianças tendo esse contato com essas vivências anteriores, buscam representá-las de outra forma. Seja com os objetos ou com o outro.

Nesta imagem por exemplo: Elas estão representando a canção ‘ Se eu fosse um peixinho’.



Elas colocaram alguns objetos dentro de um tecido e balançavam de um lado para o outro cantando a canção. Na sala de aula tinha um painel com a música e as imagens de cada criança no tecido, e nós segurando nas extremidades fazendo esse movimento representado agora por elas.

Imagem 14: Olhar para o grupo (Foto: professora Alais)

(Bom, essa foi a reflexão que eu fiz. Fui ligando algumas situações e cheguei a essa conclusão. Se estou certa ou errada, só você pode me dizer Renata. Rsr..).

E os registros fotográficos têm um grande poder de nos...

Fazer refletir

Nos sensibilizar

Nos emocionar

Contar histórias

E resgatar nossas memórias.

Acredito que...

A partir de hoje nenhuma imagem passará despercebida por nós.”

Em nosso penúltimo encontro do semestre, como previsto, compartilhei os recortes feitos pelas colegas sobre o que viram e ouviram acerca do trabalho e, em seguida, devidamente autorizada, compartilhei a reflexão acima, escrita pela professora, com o grupo.

O rosto ruborescido, a respiração curta... os olhos bem abertos lacrimejavam... Terminei dizendo: E você me disse que não se sentia familiarizada com a escrita, hein!?

A resposta da professora?

- Eu nunca havia escrito uma reflexão antes!

Com aplausos, beijos e olhares fraternos, foi acolhida e reconhecida pelas colegas.

Novos espaços de reconhecimento e de pertencimento. Novos espaços de valorização da voz. Palavra falada e escrita. Autoria.

Essa experiência, aproximou-me do que diz Lilian Amaral (2008) ao citar Deleuze; “os processos são os devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade de seus cursos e pela potência de sua continuação.” (AMARAL, 2008, p. 45)

As experiências vividas, começavam a nos preparar para a exposição a partir de nossas próprias palavras, das nossas impressões e interpretações acerca dos acontecimentos e das leituras realizadas.

A conclusão dessa etapa, falou-nos da qualidade dos processos vividos e lançou-nos para a continuidade com uma proposta para o encontro seguinte:

A professora que no semestre anterior havia pedido para assumirem espaços de formação, seria responsável pela proposta do último encontro desse semestre.

No dia combinado, ela partilhou conosco sua experiência na arte terapia.

Jogamos uma amarelinha especial. Retiramos elementos que tinham relação com a “casa” sorteada por cada uma.

Depois, desenhando, pintando ou esculpindo em argila, representamos nossos elementos.

O medo de errar e as falas de que não sabíamos desenhar, aos poucos, foram substituídas pela ação, pela entrega, pela criação.

Em pouco tempo, não haviam mais vozes ressoando. Apenas o som dos objetos, da respiração, os ruídos de pensamentos ganhando representações...

A avaliação da professora sobre essa experiência?!

- Me senti em dia de Mostra!

Com essa sensação, seguimos para as férias...

De forma mais clara e consciente, as palavras começavam a declarar os saberes do grupo, as apropriações em seu percurso de formação e de vida. O que também apontava para as próximas construções.

Na volta, em 2017, a primeira reunião fez-se no encontro com a palavra. Nossas e de outros. Assistimos uma cena do filme “Jogo de cena”.

O que aquela narrativa nos provocava? Do que se tratava?

Impactadas, inferiam sobre a veracidade do relato. Teria mesmo acontecido? A narradora era também a protagonista da história? Que pistas o relato nos dava? Com que repertório nos colocávamos nessa interpretação?

Aspectos importantes para desvelarmos um pouco mais esse caminho de vida e de formação.

Também fizemos duas leituras coletivas em que as palavras poderiam ser subitamente tomadas por qualquer uma, por muitas ou por todas. As palavras de outro que tomavam emprestadas nossa voz.

O que nos movia nessa leitura coletiva? Que palavras nos diziam apesar de não ser de nós que falavam?

Imersas nessas narrativas que falavam em primeira pessoa, fizemos um exercício de escuta, voz, interpretação, invenção e escrita.

Após o encontro com essas palavras de todos e de ninguém, em dupla, cada uma tinha a missão de criar uma personagem e uma história para si e, em dois minutos, apresentar seu “eu” imaginado para a outra. Em seguida, cada uma produziria um registro/texto apresentando a outra para o grupo.

O receio de se colocar nessa escrita, foi apagado pelo resultado desse processo. As palavras revelavam a abertura desse grupo que, dia a dia, descobria sua potência de vida e de criação.

Arte e escrita unificam o visual e o textual por se complementarem, se refutarem e se salientarem uma à outra. Imagem e texto não duplicam uma ao outro e, sim, ensinam algo de diferente e ainda, similar, permitindo que nos questionemos mais profundamente a respeito de nossas práticas. (IRWIN, 2008, p. 93)

No encontro seguinte, seguimos com as palavras. Dessa vez, pensando na junção entre palavra e imagem, refletindo sobre a escolha das palavras e sua consistência.

Após a discussão sobre narrativas e documentação, propus que construíssem coletivamente uma narrativa. O exercício de colocar palavras em diálogo com imagens.

Entreguei a elas uma sequência de imagens sem texto. Imagens de crianças atuando em determinado espaço.

A proposta era que, a partir da sequência de imagens, em grupo, refletissem sobre quais as intenções da professora ao criar aquele espaço de exploração.

Após essa etapa, discutiram sobre quais as perguntas que as crianças revelavam ao interagirem com aquele espaço.

Por fim, construiriam uma narrativa compondo imagem e palavra.

Essa experiência colocou-as diante da necessidade de acionar saberes, compor olhares e impressões em torno das imagens.

Mergulhadas em suas hipóteses e nas possibilidades de criação, falavam e ouviam, escreviam e apagavam. Dialogavam com as imagens que, reinterpretadas, ganharam novo sentido na composição com o texto.

A primeira escrita trouxe um texto longo que descrevia as imagens e suas interpretações, não um diálogo.

Em uma breve intervenção, propus que lessem o texto e iluminassem as palavras essenciais, aquelas que realmente declaravam a consistência do que gostariam de dizer.

A transição de um registro que descrevia a interpretação das imagens para um que dialogava com elas, mostrou-se visível.

Ao final, juntas, vimos o resultado projetado na tela.

Elas mal podiam acreditar no que haviam produzido! Orgulhosas, parabenizavam-se pelo feito.

Com essa cena, despedimo-nos.

No caminho de volta para casa, recebi duas mensagens no aplicativo WhatsApp, de professoras que não podiam esperar para dizer o quanto essa experiência foi importante para seu olhar.

No decorrer daquela semana, sem que houvesse qualquer combinado prévio, recebi imagens e textos de aspectos do trabalho de todas elas.

Trabalhos que traziam fortes marcas da experiência vivida na reunião anterior. Elas foram atravessadas por aquela experiência em gesto, imagem e palavra.

4.5 A produção coletiva de uma obra: Processos e construções

Nosso trabalho, a transformação desse grupo, a materialidade desse processo, fez-se na caminhada. Produto e processo, forma e conteúdo, juntos, têm permitido a construção dessa narrativa e da autoria das professoras, não como resultado definido, mas como exercício constante de construção e reconstrução das identidades individuais e coletivas.

Assim como a caminhada que fazemos passa a existir ao caminhar, (...) a matéria adquire forma à medida que a experiência estética se desdobra de maneira estruturada. Não há uma estrutura substantiva, de algum modo inserida nela, como um esqueleto na carne. Forma e matéria são inseparáveis porque não existem relações sem relata, e não existem coisas que não se relacionem com outras coisas. (KAPLAN, Introdução, In DEWEY, 2010, p. 30-31)

Os produtos que se fizeram ao caminhar, foram revelando as marcas das narrativas desse grupo. Produto e processo, experiência e sentido, razão e emoção, caminharam lado a lado na constituição desse grupo e da materialidade que representava esse processo, voltando-se para nós também como possibilidade de releitura, de reinterpretação, de reconstituição de sentido. Diante dos simbólicos que deram sentido à nossa existência coletiva, tornamos mais vivas e conscientes nossas aprendizagens, nossos desafios, nossa voz.

DEWEY (2010) defende que uma obra de arte, um produto, é resultado do processo vivido na experiência e que esse processo, nem sempre torna-se visível ao observarmos a produção. Em concordância com esse pensamento, entendo a relevância de aproximar produto, processo e sentidos, também para os envolvidos na experiência, observei que seria relevante localizar as marcas dessa experiência em cada uma das envolvidas de modo que, distantes do percurso, pudessem a tornar visíveis as representações das aprendizagens.

Assim, com a intenção de proporcionar o reencontro com as experiências vividas e com os sentidos pessoais dessa construção coletiva, propus o revisitar desse processo. O encontro com as palavras e as imagens que representariam os sentidos dessa caminhada. Nesse caminho, tempo de palavra e silêncio, de busca por respostas, pela concretude, pela direção a seguir.

Também tempo de aflorar a intuição, de distanciar da razão, de encontrar com a emoção, com a resistência e com a re-existência.

O exercício de encontrar com a memória e os simbólicos que deram sentido à experiência, tinha a intenção de aquecer os olhares e o encontro da voz individual que posteriormente comporia uma construção coletiva.

Esse exercício também permite que nos (re)apropriemos dos processos e dos sentidos que se constituíram ao vivenciá-los. Os sentidos das aprendizagens, para nós, humanos constantemente envolvidos com o processo de aprender, de transformar, de ressignificar a aprendizagem e nossas histórias.

Durante esse caminho, exercitamos a experiência de produção em diferentes contextos. Com imagens, movimentos, sons e grafias que foram imprimindo também na carne nossas aprendizagens. Os registros feitos pelo grupo, as imagens que foram compostas com os diferentes olhares, as palavras que quando transformadas em texto, aproximavam da consistência do olhar e dos saberes de cada professora... A grafia da história desse coletivo e de cada indivíduo que o compõe.

O desabrochar desse grupo se fez mais inteiro e consciente com a possibilidade de produzir e se deparar com essas produções como forma de materializar as aprendizagens desses adultos/professores que encontraram na própria palavra o saber e o valor das suas vozes. Que juntas, ecoavam mais fortes, mais firmes e também mais sensíveis às experiências que se deram no corpo.

Iniciamos o processo mais concreto de produção com um pedido: que cada professora escrevesse em uma folha, individualmente, palavras que representassem as aprendizagens que identificavam terem adquirido nesse percurso de quase 3 anos de parceria.

O silêncio completo durante a produção, revelou o mergulho nas memórias desse tempo... Queriam escolher muito bem as palavras que dariam relevo e sentido ao processo.

Palavras de representação... Os sentidos individuais dessa experiência.

Reflexão-arte
Conhecimento
Troca
Sensibilidade
Experiências
(Professora Alais)

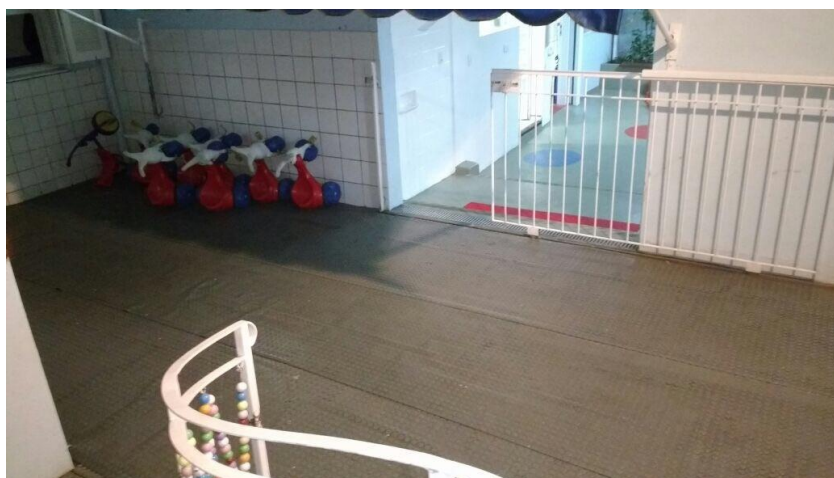


Figura 15: “Parque motoca” – “Experiência, aprendizagens.” (Foto: Alais Xavier)

Inspiração
Inspira a ação
Respira na ação
Vivência, evidência
Evidencia a ação
Vive
Respira
Desperta a respiração
Acorda a razão
Para viver a ação.
Inspira, respira e expande,
Jamais retrai.
(Professora Kátia)



Figura 16: “Ateliê” – “Olhar que inspira ação.” (Foto: Kátia Sousa)

Olhar atento...
Inspiração de vida!
Liberdade e construção
(Professora Carla Mauro)



Figura 17: “Tapete da sala de reuniões” – “Aqui a gente se reúne, se une, se envolve.” (Foto: Carla

Mauro

ObSERvar
(*professora Flávia*)



Figura 18: “Ateliê” – “Afinando olhares... as possibilidades.” (Foto: Flavia Novaes)

Aprender fazendo

Olhar

Refletir

Querer

Desejar

Sonhar

Mudar

Conhecimento prévio

Saberes

Encantamento

(*Professora Carla Barbieri*)



Figura 19: “Ateliê” – “Símbolo do olhar atento que temos construído nesse percurso.” (Foto: Carla Barbieri)

Escola – Criança

Observação – Produção

Pensamento – Olhar atento

Ação – Escuta

Reflexão – Fazer artístico

Ressignificação – Interação

Ideias

Evoluir

Construção

Sala do G4= Espaço de aprendizagem da escrita, leitura e das interações.

(Professora Ana Claudia)



Figura 20: “Sala do G4” – “Espaço da aprendizagem da escrita, leitura, interpretações e das interações.”
(Foto: Ana Claudia Federighi)

Eterno aprendiz

Conhecimento nunca acaba

Renascimento

Evolução

(Professora Adriana)

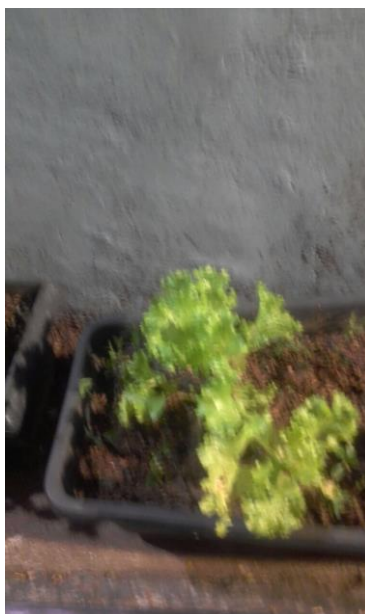


Figura 21: “Horta” – “Essa alface representa Renascer, Descobrir, ideia de eterno aprendiz.” (Foto:
Adriana Wertchko)

As palavras escolhidas para o breve texto que tinha a proposta de revelar as aprendizagens de cada uma, trouxe pelas palavras e por sua composição, também uma preocupação poética e estética, revelando intencionalidade e atenção para forma e conteúdo.

Da mesma forma, as fotografias e legendas solicitadas para representar os sentidos desse processo para cada uma, trouxeram na forma, o cuidado com relação a composição das linguagens.

Colocar os sentidos pessoais dessa experiência em relevo, encontrar na materialidade uma forma de representação do pensamento/sentimento, aproxima-nos da integração entre razão e emoção, como nos propõe IRWIN (2008, p. 91). “Talvez seja na ‘produção’ de nosso trabalho como artistas-pesquisadores-professores que possamos confrontar as propriedades metafóricas e metonímicas da terceiridade embutidas em nosso papel, nosso trabalho, e em nós.”

Na produção, colocam em jogo os saberes pessoais, acionam a criatividade ao pensarem na composição entre forma e conteúdo, pesquisam aspectos necessários para viabilizar o projeto.

Com essa percepção, a intenção e a expectativa de que, ao produzirem coletivamente uma obra, encontrem novos sentidos para o vivido, apropriem-se da experiência, confrontem ideias, olhares, posicionamentos e, nesse exercício de reencontro e ressignificação do processo, coloquem-se nas fronteiras que possibilitarão a mestiçagem, o entrelaçar dos olhares, o surgimento de um entre-lugar, como nos diz Rita Irwin (2008), encontramos no desafio de produzir coletivamente uma obra, a oportunidade de criar formas, utilizar linguagens para representar os sentidos dos processos e da materialidade que as recolocaria diante dos sentidos dessa experiência estética, deixando emergir o que ficou do lado de dentro e que se faria novo ao se fazer matéria, ao se colocar em relação com as diferentes interpretações e recortes realizados por cada uma. Que experimentassem diferentes papéis ao construírem essa narrativa feita a partir da composição dos diferentes olhares e interpretações que fizeram nesse percurso.

Dessa forma, propus que, em grupo, partilhassem suas interpretações, os sentidos do processo para cada uma e, juntas, a partir das vozes individuais, produzissem uma obra coletiva que revelasse as aprendizagens desse grupo.

As conversas trouxeram de volta momentos que as impactaram nesse caminho. Relembrou situações e pessoas ao falarem sobre as colegas que nos deixaram no percurso. Da mesma forma, quem chegou, compartilhou como foi se sentir acolhida nesse grupo e o que esse processo representou para que se sentissem pertencentes à escola.

- Precisamos produzir uma obra que fale dessa acolhida e da importância desse processo para nosso crescimento pessoal e profissional. – Alguém falou.

- Tem que ser algo que caiba todo mundo! Quem partiu e quem chegou para seguir conosco.

Então, debruçadas e mergulhadas nessa missão, deixaram-se estar ali, sem pressa. Apenas entregues à obra que estava prestes a nascer e dar nova vida, materialidade e sentido àquele ciclo tão transformador.

Por dias debruçaram-se sobre o projeto dessa construção. Olharam para seus grupos, as construções com os alunos, perceberam o que dessa experiência levaram para a sala de aula e vice-versa.

Com essas marcas, chegamos ao dia em que concluiriam a obra e compartilhariam comigo essa produção.

Muita emoção e expectativa...

Eu, do lado de fora da sala que por tantas vezes nos encontramos para vivermos essa história de formação, escutava alguns ruídos, observava movimentos que surgiam por trás da porta de vidro, sentia o arrepio doce e intenso de uma etapa do trabalho concluída.

Um tempo depois, ainda do lado de fora, vi a luz da sala se apagar...

Um silêncio avassalador foi interrompido pela Patricia, fotógrafa que estava responsável por registrar com sua lente aquele momento. Ela abriu a porta autorizando minha entrada...

Ao cruzar aquela fronteira, deparei-me com uma sala escura que se fazia iluminar pelas luzes dos celulares que, propositalmente, estavam com as lanternas acesas em torno da obra. No chão, um tecido fazia o papel de um tapete, guardando sobre ele ela, A CRIAÇÃO!!!!



Figura 22: A Mandala! (Foto: Patricia Mochida)

Uma mandala! Ao lado dela, um “bastão que fala”. Produção inspirada na cultura indígena que guarda em si o direito à palavra. Palavra que, naquele contexto, segundo elas, deveria sair do coração.

Em torno do tapete com a mandala, todas nós, sentadas, emocionadas, contemplávamos a imagem.



Figura 23: Apreciação da obra. Palavras de partilha do processo. (Foto: Patricia Mochida)

De posse do bastão que fala, a primeira professora tomou a palavra... Então, uma a uma, com a voz embargada e os olhos cheios de lágrimas, falou do valor e do sentido que aquela experiência de aprendizagem lhe proporcionou.

“Você acreditou em nós. Em nossa palavra. Hoje também acreditamos e sabemos do valor do nosso conhecimento. Você nos emancipou!!!”.

Com as mesmas lágrimas que escrevo essa narrativa, falei ao grupo naquele momento. Juntas, vivenciamos nosso percurso como professoras, artistas, pesquisadoras. Concluímos um ciclo de muito aprendizado e apropriação de nossa palavra.

Ao final de nossos discursos emocionados, as professoras contaram sobre o processo de produção e dos motivos dessa escolha. Enquanto falavam, deixavam emergir os conhecimentos que foram acionados para essa construção: O saber sobre o símbolo da mandala, sobre as representações que trouxeram para simbolizar cada palavra, sobre elementos da cultura indígena, sobre os critérios utilizados para darem um nome ao bastão...

Contaram sobre como pensaram a materialidade e sobre a emoção posta nessa produção. Intelecto e emoção misturavam-se na composição desses saberes que acontecem no encontro.

Por fim, a manifestação do orgulho e reconhecimento da importância desse processo veio expressa na palavra:

- Temos que tornar pública essa obra! Precisamos colocar na entrada da escola. Todos precisam saber o valor do que estudamos!

Hoje, quem entra na Vila do Aprender, encontra-se com a mandala construída pelo grupo com os dizeres: “Mandala construída pelo grupo de professoras da Vila durante as reuniões de formação. Resultado de um ciclo de aprendizagem e emancipação.”



Figura 24: Exposição da Mandala na entrada da escola. (Foto: Renata Araujo)

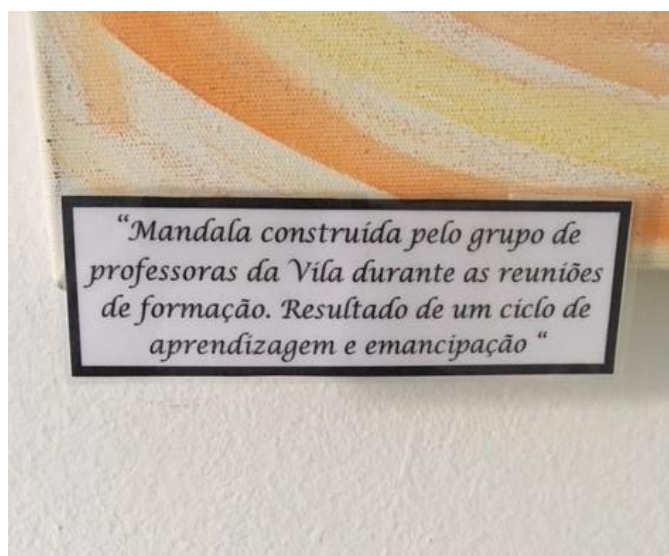


Figura 25: Texto de declaração da proposta. (Foto: Renata Araujo)

Talvez todos os educadores desejem se tornar artistas-pesquisadores-professores quando começam a se questionar sobre como têm ensinado e como os métodos tradicionais precisam de vida e de viver. Eles aspiram por um significado mais evidente, desejam criar, e eles almejam suas próprias expressões de certeza e de ambiguidade. (IRWIN, 2008, p. 91)

Nesse caminho de investigação e busca pela palavra autora, pela identidade e entre as identidades desse grupo, temos vivenciado experiências de encontro com as marcas de nossa formação e também a com a redescoberta de nossos desejos de ensinar e aprender. De reinventar caminhos. De construir novos saberes e novos significados. Esbarramos na percepção de que os métodos tradicionais precisam de vida e de viver e que nossa forma de viver as experiências de ensino e aprendizagem, de pesquisa e criação, igualmente, necessitam de vida e de viver.

Aquecidas com essa potência de vida, de pesquisa, de criação e de ensino, nos encontros que se seguiram após à construção da mandala, debruçamo-nos a refletir sobre as aprendizagens desse percurso e a forma como essa experiência nos atravessou.

O desejo de criar novos espaços de pesquisa, experiência e ensino a partir do que vivenciaram e construíram nesse percurso, lançou o grupo para novos cenários de investigação e partilha.

- Queremos ampliar essa experiência. Trocar com outros. Queremos propor encontros de formação na escola Vila do Aprender! – Disseram.

Mais uma vez voltamos à Vila como metáfora. Como a imagem de lugar para encontros com a aprendizagem.

Mobilizadas com essa voz que começa a surgir, as professoras da Vila do Aprender começam a se preparar para realizar um encontro de formação nesse espaço/escola.

Ao serem questionadas sobre o que pensavam para esse caminho e para quem gostariam de propor esse encontro de formação, disseram:

- Queremos iniciar esse caminho fazendo a formação das auxiliares e recreacionistas da escola. Achamos que elas merecem vivenciar um pouco dessa experiência que tivemos.

Com essas vozes transformadas, mais firmes e conscientes de seu papel, seguiremos nesse caminho de investigação e descoberta da nossa voz autora, das narrativas de educadoras que renovam dia a dia seu gesto aprendiz e sua pesquisa de formação ao reconstruírem suas narrativas e se encontrarem com a vida e com o viver.

5. Palavras de costurar: Re-composição do percurso, algumas reflexões sobre o processo

Nesse capítulo, ao me debruçar sobre a experiência vivida com o grupo e as teorias que nos referenciam, tenho a intenção de me colocar na fronteira posta entre a experiência e o sentido, entre a teoria e a prática, entre a ação e a reflexão, com a perspectiva de colocar em relevo algumas das conexões que estruturamos e as aprendizagens que proporcionaram.

O exercício de realizar essa pesquisa possibilitou, aproximar-me e distanciar-me de questões que têm me inquietado ao pensar a importância da formação dos professores dentro da escola. Durante esse processo, tive a oportunidade de vivenciar na prática, algumas teorias que tratam sobre a experiência, sobre a criação, sobre as histórias de vida e a pesquisa como elementos que possibilitam aos professores um reencontro com a aprendizagem e o sentido de aprender.

A partir das vivências, da escuta e da reflexão, busquei compreender de forma mais ampla as aprendizagens presentes nos contextos de vida, de criação, de ensino e de pesquisa/aprendizagem. Busquei pela experiência, pela produção coletiva, pelas histórias de formação e de vida e pela teoria como caminhos que, entrelaçados, poderiam compor olhares e possibilidades que contribuiriam para a reflexão sobre a construção da narrativa de professores como possibilidade de encontro com a voz autora.

Aos poucos, percebi que essa investigação sobre a formação de professores se daria em torno de três aspectos: a experiência de partilha de histórias de vida e de formação (o encontro com as vozes do grupo), produções coletivas e encontros com os saberes do grupo (o princípio da construção da autoria) e a pesquisa a partir da reflexão sobre a prática e a conexão com teorias.

O ponto de partida para essa investigação, deu-se com a inquietação em torno da escola e o modo como ela, ao longo do tempo, colocou-nos diante da aprendizagem. Carla Rinaldi nos ajuda a pensar a respeito ao dizer:

...continuamos a falar da escola, do ensino e da aprendizagem utilizando apenas a linguagem verbal, a palavra falada e a escrita. Gerações de educadores têm levado adiante sua formação inicial e seu desenvolvimento profissional continuado sem jamais refletir sobre a variedade de coisas que sabemos acerca do aprendizado e sobre o relacionamento do aprendizado com o seu contexto. E, em especial, abdicando da busca por novas formas, novas linguagens, que possam lhes permitir viver, partilhar, narrar e desempenhar os eventos do aprendizado.

Essas formas e essas linguagens, essa espécie de ‘contaminação’ entre linguagens diferentes, poderiam abrir novos horizontes [...] e criar novos papéis de liderança para as crianças e os educadores. Estes, por exemplo, seriam promovidos da condição de meros praticantes para a posição de autores dos processos e trilhas pedagógicas. (RINALDI, 2012, p.183)

A percepção de que nossa relação com a aprendizagem na escola, fez-se em torno da palavra oral e escrita, da reprodução de informações como representação dos processos de ensinar e aprender é algo que tem sido foco de estudo por pesquisadores de diferentes áreas que se colocam a refletir e problematizar questões que envolvem a educação, a escola e a formação. Aspectos que me inquietam desde o início do meu percurso como professora e aprendiz e, mais tarde, como formadora e aprendiz. Em busca de propostas que pudessem reconfigurar esse cenário, enxerguei na possibilidade de refletir sobre os saberes que adquirimos na experiência e sobre a variedade de formas que possibilita construir aprendizagem, uma fresta para caminhar

com esse grupo, tão marcado pela escola da reprodução e do silenciamento das vozes de alunos e professores.

Como partilhei nos capítulos anteriores, iniciamos esse processo com os relatos de experiência, das histórias pessoais e as marcas das identidades das professoras.

Ao vivenciar as experiências de encontro com o passado, com nossas marcas de vida, as aprendizagens foram ganhando novos sentidos. Misturados às emoções, os saberes impressos em nós, eram “suavizados”, ao mesmo tempo em que adquiriam maior significado, pois conectavam-se às nossas histórias e às nossas identidades pesquisadoras. Em meio a vivência, a relação com o conhecimento deixava de ser algo externo para tornar-se integrado. Como se não houvesse mais uma hierarquia entre a experiência e a teoria.

Essa relação íntima entre agir e sofrer a ação, entre relembrar e reinventar, entre pesquisar e criar, ajudou-nos a ressignificar o papel do professor.

Esses aspectos, colocados em ação, em contextos de vida e de reencontro com a aprendizagem, começaram a aflorar percepções, interpretações, emoções e saberes que aparentemente, eram desconhecidos. Os saberes e experiências integrados, modificavam a relação com o conhecimento e com o sentido da aprendizagem do adulto professor, provocando o princípio de uma mudança de posição – do professor aluno para o professor pesquisador.

Durante o processo, inquietava-me perceber as transformações que começavam a acontecer com as professoras e comigo. Os sentidos produzidos nas discussões e produções realizadas, começaram a despertar a conexão de contextos dentro e fora da escola. O que também apontava para o princípio da descoberta de que a relação com a aprendizagem não se estabelece em um tempo e espaço pré-determinados, mas se fazem com nossa ação constante no mundo.

Essas percepções foram se estruturando no processo, possibilitando que ligássemos e religássemos pensamentos, impressões e interpretações. Refletir sobre a experiência de formação e organizar de forma mais sistematizada esse caminho, ajudou-me a compreender de um modo que eu não entendia antes, que as identidades integradas de Artista/professor/pesquisador que nos propõe IRWIN (2008) ao refletir sobre a A/r/tography, referem-se à experiência humana de aprendizagem, criação e pesquisa. Reconheço que são nos contextos de vida que essas identidades se constituem, renovam-se e nos transformam, nos reposicionam diante do outro, do mundo, do conhecimento, sobretudo, diante de nós mesmos.

Não se trata de sobrepor o saber constituído na escola (com o formato mencionado anteriormente) ao saber da experiência, mas de reestabelecer a integração dessas formas – razão e emoção – e reconhecer que é na conexão entre as identidades que o conhecimento se faz.

Reconhecer o papel de cada uma nesse processo e o valor de cada experiência para a composição desse todo, reanimou nossa forma de ser e estar no mundo e de nos relacionarmos com o conhecimento, colocando-nos entre e dentre as identidades mencionadas por Irwin.

Esse, acredito, foi um diferencial para nossa construção. O reencontro com nossa identidade e a percepção de que ela orienta nossa relação com a aprendizagem.

Tal percepção, aos poucos, foi dando sentido às experiências e mobilizando em cada professora sua potência formadora e aprendiz.

A experiência de formação no cotidiano da escola, no contexto proposto, promoveu o re-encontro com a escola como lugar de criação, pesquisa e aprendizagem e, conseqüentemente, alterou o modo de se relacionarem com as experiências pessoais de formação. Durante o processo, colocamo-nos mais inteiras diante das identidades que se integravam (A/r/t).

Aguçamos a percepção acerca da ideia de que as identidades de artista/professor/pesquisador caminham lado a lado em nossos gestos aprendizes. Assim, também tornamos cada vez mais consciente, nossa percepção para o entorno, para as experiências de problematização, para as diferentes interpretações possíveis que cada situação traz em si, buscando conhecer e compreender nosso objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que tentamos conhecer melhor a nós mesmas e o modo como nos relacionamos com o conhecimento.

Vivenciar uma pesquisa que tem a si mesmo e seus processos de aprendizagem como foco de investigação, possibilitou, como nos diz Rita Irwin (2008), uma maior compreensão das identidades pessoais e o reconhecimento de suas ações pesquisadoras como sujeitos da própria aprendizagem.

Encontramos na materialidade uma forma de representar o pensamento e, com essa experiência de produção/criação, revelamos e reconhecemos os conhecimentos presentes em cada uma e os que emergiriam desse entre lugar que o ato de criação nos coloca ao acionar o novo em nós.

Na ação de realizar pequenos registros, partilhar imagens, músicas, literatura.... Começaram a relacionar os saberes da experiência com os conhecimentos teóricos e a perceber o quanto esses dois campos interligados, compõem nossa prática e construção cotidiana.

Colocamo-nos nas fronteiras, como nos diz IRWIN (2008), começamos a exercitar o re-pensar, re-inventar, re-aprender.

Nesse processo de ir e vir, de re-conhecer as marcas das construções, encontraram-se com a experiência aprendiz de um lugar que apesar de parecer novo, pelo sentido que adquiria, estava posto na essência.

Mas a inteligência que os fizera aprender o francês em Telêmaco era a mesma que os havia feito aprender a língua materna: observando e retendo, repetindo

e verificando, associando o que buscavam aprender àquilo que já conheciam, fazendo e refletindo sobre o que haviam feito. (RANCIÈRE, 2015 p. 28)

Nesse gesto de repetir, observar, associar etc., comecei a perceber, que as discussões e as ações realizadas no grupo, passaram a fortalecer a confiança das professoras em suas práticas. Começaram a criar contextos de aprendizagem para seus alunos a partir das re-descobertas que faziam acerca do olhar para o ensino e a aprendizagem. Ao refletir sobre como aprendemos, começaram a pensar sobre como seus alunos aprendem e a criar cenários mais potentes para essas aprendizagens.

Essa proposta começou a inverter a lógica da reprodução e nos aproximar da ideia de construção, de aprendizagem em contexto, de conexão de saberes, de ampliação de sentidos, de experiência de problematização. Possibilitou que começássemos a nos distanciar da busca pelas respostas para nos aproximar das perguntas, como nos diz FREIRE (2011, p. 89), “precisamos buscar por uma pedagogia preocupada com as incertezas que se radicam nas questões que discutimos e, pela própria natureza, uma pedagogia que exige investigação. Assim, essa pedagogia será muito mais uma pedagogia da pergunta do que uma pedagogia da resposta.”.

As buscas pelas respostas ainda se mostram presentes. Acredito que isso também é do humano. Mas a descoberta do gesto investigativo, a percepção de que as perguntas estão em nós a medida que nos colocamos a observar as situações e questionar os caminhos, começou provocar contextos de problematização e, conseqüentemente, novas construções e aprendizagens.

Entendemos, contudo, que as respostas (e as perguntas), não estão dadas, que as construções se fazem no exercício constante de vida, criação e pesquisa. Reconhecemos, como nos diz BAUMAN (2009, p. 108), que o “Absoluto precisa ser criado e bafejado pelo sopro da vida - e não apenas num único ato de criação; só pode existir em um estado de criação permanente, precisa ser constantemente recriado, dia após dia, hora após hora. Absolutos não se encontram – são feitos.”.

Nesse gesto de pesquisa e reinvenção constantes, na mestiçagem que integra e ressignifica nossa ação aprendiz, seguimos construindo e re-construindo nossas identidades de Artistas/professores/pesquisadores. Estruturando nossas narrativas e buscando por nossa voz autora.

6. A pesquisadora e a (re)constituição de sua (s) identidade(s)

Encontro nesse capítulo um espaço para deixar ecoar minha voz própria e o modo como reconstituo minha identidade pessoal e profissional a partir dessa busca pela autoria e pelas identidades integradas de Artista-Professora-Pesquisadora.

O encontro com as professoras da Vila do Aprender, com as marcas da escola do silenciamento e com a potência de transformação que o reencontro com nossas narrativas, com as experiências coletivas de criação e com a pesquisa, proporcionam para a reinvenção de si, possibilitou o reencontro com minha própria história de formação, de deformação e de transformação.

Encontrei-me nesse processo, com desafios e potências que não reconhecia em mim. Deparei-me com incorências que revelam as marcas de minha história na e com a escola. Marcas do ensino da transmissão e da reprodução, do silenciamento da minha voz, mesmo com a tentativa de fazê-la ecoar. Nesse processo, ao “mirar-me no espelho”, tantas vezes vi refletida a imagem da “mestre explicadora”; precisei lidar com a frustração diante do erro, da falta, da insegurança pesquisadora, do desafio da escuta desprovida de expectativa, das limitações do meu repertório.

Também me deparei com a força do enfrentamento, com a coragem para fazer novas buscas, com a capacidade de me reinventar, de encontrar no aparentemente familiar, algo novo: Eu mesma, minha vida e profissão.

Provocada por uma observação feita pela professora Vera Ronca, encontrei nesses contextos, potência de vida e de morte. Experiência de rompimento e de renascimento/transformação. Penso que a mestiçagem que nos propõe IRWIN (2008) ao falar da integração das identidades de artista-professora-pesquisadora, somente se constitui e se reconstitui nesses contextos de vida e de morte, de ação e transformação. De criação constante de nossa possibilidade de ensinar e, sobretudo, de nossa capacidade de aprender.

E como tenho aprendido... Sobre o ensino e sobre meu modo de aprender. De me encantar e provocar encantamentos diante da aprendizagem de si, do outro, do entorno.

As marcas da minha história de vida e de formação, com todas as deficiências e potências que se instalaram na caminhada, foram acionadas nesse percurso. Acima de tudo, foram e veem sendo transformadas – transformando-me.

Aprendi com essa pesquisa, que o encontro com a voz experiência, nasce no desafio e no enfrentamento da exposição. Portanto, com entrega e coragem;

Aprendi que para possibilitar o surgimento da voz de um grupo de professoras, preciso, como formadora, colocar minha voz junto, expor-me;

Descobri que escuta inteira tem a ver com disponibilidade para encontrar (se) com a palavra do outro;

Que criação é processo que nasce do encontro conosco e com a experiência do mundo em nós – interpretação e representação -. Que tem a ver com o que deixamos entrar. Com o que resignificamos em nós e devolvemos ao coletivo para que ganhe novos sentidos;

Aprendi que a consciência da falta é o que me move nessa busca e que é na incompletude que avanço no ato pesquisador;

Acima de tudo, percebi que a escola que tento reescrever, reinventar, nasce da escola que me acolheu, me formou e continua a me (trans)formar como humana e aprendiz, que

aprende, ensina, inventa e se reinventa em busca de sua própria identidade de Artista – Professora – Pesquisadora.

7. Considerações finais

Quando refaço uma canção
É a mim que me refaço
Yeats

Ao relatar a experiência de formação com as professoras da escola Vila do Aprender, inicialmente, trazia a intenção de partilhar recortes desse processo que se fez em meio a dúvidas, descobertas, construções e reinvenção constantes. Cultivava também o desejo de, ao revisitar esse percurso e entrelaçá-lo às diferentes experiências vividas e às leituras que mediaram meu percurso de formação, ampliar meu olhar e criar novas possibilidades para a construção da narrativa e da autoria de professores em seus processos de formação no cotidiano escolar. Havia ainda a expectativa de, ao organizar esse percurso em texto, criar espaço de diálogo com outras vozes e potencializar a rede de trocas com e entre educadores.

Nesse exercício de escrita tenho refeito a mim mesma. Meu modo de pensar e viver os processos de formação de professores. O que, de certa forma, confirma as hipóteses investigadas que relacionavam à formação ao encontro com a identidade e a construção da autoria entendendo que nesse processo de reinvenção, ambas passam por constantes alterações.

Desse modo, ao narrar essa experiência, as aprendizagens e questionamentos que surgiram durante essa pesquisa, falo a partir de mim, como diz LARROSA (2014), mas não sobre mim. Falo também sobre a escola e a urgência de repensar os processos de formação de professores aproximando, cada vez mais as experiências de criação, investigação e ensino.

A defesa da escola e desse espaço como lugar de tempo livre para o estudo, para o encontro com algo do mundo e a potência aprendiz, proposta por MASSCHELEIN E SIMONS (2014), aproxima-me, da defesa dos professores e de suas vozes dentro da escola, tornando

também, e sobretudo, para os educadores esse espaço como lugar de encontro com a criação, com suas identidades pesquisadoras e seus gestos aprendizes. O que, nesse contexto, significou dizer, que foi preciso encontrar tempo livre para que as professoras construíssem canais de diálogo, que exercitassem a escuta e a fala, que validassem seus saberes e criassem modos de representarem seus pensamentos de modo a ampliarem e resignificarem seus aprendizados.

Palavra, escuta, criação de sentidos, produções – individuais e coletivas – e investigação, possibilitaram o reconhecimento das identidades de cada uma e desse grupo. Reconhecimento que alterou a percepção das práticas e das reflexões. Que abriu fresta para que se autorizassem a interpretar situações, a “ler” entrelinhas, a compor olhares, a pôr sua palavra com o outro.

A primeira constatação foi a de que essa conquista não se faz na declaração da proposta, mas precisa de construção. De vida e de viver.

Esse modo de se relacionar com o conhecimento, solicita distanciar-se da ideia de aprendizagem como processo que se dá de fora para dentro, que se constitui pela reprodução.

O encontro com as histórias de vida foi o primeiro passo para conseguirmos aproximar o grupo de uma relação mais estreita entre a vida e o saber, entre a experiência e a aprendizagem, entre a informação e o conhecimento.

As experiências vivas de encontro com o passado e a conexão dessas marcas com o tempo presente, lançava-nos para frente. O estabelecer dessa relação possibilitou o princípio do deslocamento do papel do professor aluno, que espera pelas respostas do mestre explicador, como nos aponta RANCIÈRE (2015), para o professor pesquisador, que busca por suas próprias perguntas e pelos recursos que poderão ajudá-lo na construção do devir.

O caminho de encontro com a identidade individual e coletiva desse grupo, fez com que, aos poucos, se autorizassem a assumir suas palavras e seus saberes, a reinventarem possibilidades de atuação. Essa construção deu-se em torno dos simbólicos, das interpretações de diferentes contextos, das experiências de criação, da construção do comum desse grupo.

Aos poucos, essas identidades, reveladas a partir das histórias de vida e ressignificadas nas experiências de partilha, de representação do pensamento/impressões e da criação coletiva de uma obra que trazia em seu resultado os sentidos do processo, começaram a ganhar força e a se manifestar de forma mais consciente nas produções que eram realizadas.

Percebi, de um modo que não percebia antes, o quanto as experiências de materialidade com a presença de diferentes linguagens, possibilitam a expressão de emoções, sensações e conhecimentos que, às vezes, desconhecíamos estar presentes em nós.

Essa possibilidade de encontrar-se consigo fora de si, foi bastante significativa para a percepção dos saberes do grupo e de cada uma e, mais do que isso, para a possibilidade de se expor e com isso, vivenciar a experiência, construir e reconstruir conhecimento.

Como nos diz SALLES (2013, p. 127), “O percurso criativo pode ser observado sob a perspectiva da construção de conhecimento. [...] O percurso criador deixa transparecer o conhecimento guiando o fazer, ações impregnadas de reflexões e de intenções de significado.”.

Essa construção, possibilitou o início da mudança de posição das professoras que, concluíram esse ciclo provocadas a assumirem suas vozes autoras e sua condição pesquisadora.

O reconhecimento de suas potências e o exercício da pesquisa, moveu-as no desejo de assumir essa palavra junto a outras professoras. Colocaram-se nas fronteiras, re-pensaram, re-aprenderam, re-significaram sua palavra, sua autoria, sua voz.

Com essa força de reconstrução, assumem o papel de professoras pesquisadoras no exercício de realizarem a formação das auxiliares e recreacionistas da escola.

Também eu, senti-me provocada e transformada a partir dessa experiência de busca pela voz e pela autoria. Pelas questões que me movem e pelos modos que podem se manifestar na minha ação no mundo.

(Re) encontrei-me fortemente com o desejo de trocar com outros educadores, de me encontrar com outras vozes e, nesse processo, reinventar minha voz e minha posição no mundo.

Ao falar de posição, falo também de posicionamento, já que essa pesquisa renovou em meu olhar e em minha atuação a crença de que a educação e a arte são gestos políticos que solicitam posicionamento e, para isso, necessitam do encontro de nossas identidades e do reconhecimento dos sentidos que nos constituem.

Assim, enquanto buscava pela voz do outro, encontrei-me com minha própria voz, com minha própria busca pela palavra autora. Re-nasço nesse processo junto com a ComPosição: Encontros de formação. Um espaço democrático de encontro com educadores e suas perguntas. Com sua postura pesquisadora, criadora e aprendiz.

A ComPosição nasce como uma forma de representar os sentidos dessa pesquisa em mim e como uma possibilidade de tornar o espaço virtual, como lugar de encontro com as vozes de tantos educadores que eventualmente, têm sido silenciados em sua potência criadora, pesquisadora e aprendiz.

Referências

AMARAL, Lilian. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. In: BARBOSA, Ana Mae, AMARAL, Lilian (Org.). Interterritorialidade, mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora Senac: Edições SESC SP, 2008 p. 45-61.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BARBIERI, Stela. **Portfólio, Projeto Lugares**. 2014-2015. Disponível em: <http://www.stelabarbieri.com.br/arquivos/portfolio_lugares.pdf> Acesso em: 2018 jan.

BAUMAN, Zygmunt. A arte da vida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOULTON-FUNK, Anne. **An Arts-Based Methodology of Intuition: Secondary Visual Art Teacher Becomings na Encounters with Schooling**. 2015. (Thesis the degree of doctor of philosophy). The University of British Columbia, Vancouver. Disponível em: <file:///C:/Users/Renata%20Araujo/Downloads/ubc_2015_september_boultonfunke_adrienne.pdf> Acesso em: 2018 fev.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DALHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Madalena. Educador, educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, Ana Mae, AMARAL, Lilian (Org.). Interterritorialidade, mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora Senac: Edições SESC SP, 2008 p. 87-100.

KASTRUP, Virgínia. A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge. Tremores: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

_____. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

MASSCHELEIN, Jan. SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender. São Paulo, Paz e Terra, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processos de criação artística. São Paulo: editora Intermeios, 2013.

Anexos



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Adriana Wertchko, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.

Assinatura da professora



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Eneide Alais Xavier, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 03 de maio de 2018.



Assinatura da professora




UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Ana Cláudia Gonçalves Federighi, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.


Assinatura da professora



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Aline Carneiro Meneses, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.

Assinatura da professora



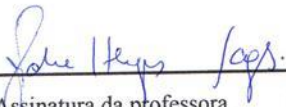
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Andrea Lages, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.


Assinatura da professora



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Carla Barbieri Rosseto, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientado pela Profa Dra. Luíza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 07 de maio de 2018.

Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Carla Garcia Mauro, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.

Assinatura da professora



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Flávia Santos Novaes, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.

Assinatura da professora



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Kátia Alves de Souza, abaixo assinado, autorizo Renata Araujo Moreira dos Santos, estudante do curso de Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes de São Paulo, a utilizar as informações por mim prestadas ou escritas, para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado que tem como título: Experiência estética e narrativas de professoras: o processo de formação na escola Vila do Aprender.

Orientada pela Profa Dra. Luiza Helena da Silva Cristov.

São Paulo, 05 de abril de 2018.

Kátia Alves de Souza

Assinatura da professora